# As Alegres Senhoras de Windsor

# SHAKESPEARE

**Ridendo Castigat Mores**

As Alegres Senhoras de Windsor
William Shakespeare

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

# AS ALEGRES SENHORAS DE WINDSOR
# (*The Merry Wives of Windsor*)

## William Shakespeare

# ÍNDICE

ATO I
Cena I — 7
Cena II — 24
Cena III — 25
Cena IV — 31

ATO II
Cena I — 40
Cena II — 53
Cena III — 69

ATO III
Cena I — 75
Cena II — 82
Cena III — 88
Cena IV — 102
Cena V — 109

ATO IV
Cena I — 117
Cena II — 122
Cena III — 135
Cena IV — 136
Cena V — 141
Cena VI — 148

ATO V
Cena I — 151
Cena II — 153
Cena III — 155
Cena IV — 157
Cena V — 158

# Personagens

**SIR JOHN FALSTAFF**
**FENTON**, jovem gentil-homem
**SHALLOW**, juiz de paz
**SLENDER**, primo de Shallow
**FORD**, gentil-homem de Windsor
**PAGE**, gentil-homem de Windsor
**GUILHERME**, menino, filho de Page
O reverendo **HUGO EVANS**, sacerdote galense
Doutor **CAIUS**, médico francês
O Hospedeiro da estalagem da Jarreteira
**BARDOLFO**, homem de Falstaff
**PISTOLA**, homem de Falstaff
**NYM**, homem de Falstaff
**ROBIM**, pajem de Falstaff
**SIMPLES**, criado de Slender.
**RUGBY**, criado do doutor Caius.
**A SENHORA FORD**
**A SENHORA PAGE**
**ANA PAGE**, sua filha, apaixonada de Fenton
**A SENHORA QUICKLY**, criada do Dr. Caius
Criados de Page, Ford, etc.

# ATO I
# Cena I

*Windsor. Em frente à casa de Page. Entram o juiz Shallow, Slender e o Reverendo Hugo Evans.*

SHALLOW — Não, reverendo Hugo; não procureis dissuadir-me; levarei a questão ao Tribunal da Estrela. Ainda que ele fosse vinte vezes sir John Falstaff, não zombaria de Roberto Shallow, escudeiro.

SLENDER — Do condado de Gloster, juiz de paz e coram.

SHALLOW — Sim, primo Slender, e *cust-alorum.*

SLENDER — Sim, e *rato-lorum,* reverendo, e gentil-homem de nascimento, que se assina armígero em toda nota, mandado, quitação ou obrigação. Armígero!

SHALLOW — Perfeitamente; é o que faço e o que sempre tenho feito nestes trezentos anos.

SLENDER — E a mesma coisa farão todos os descendentes que o precederam e todos os antepassados que nascerem depois dele; poderão usar no escudo de armas uma dúzia de lúcios e de piorras brancas.

SHALLOW — É um escudo muito antigo.

EVANS — Uma dúzia de piorros ir muito bem num escudo antigo. É de grande efeito, *en passant*. O piorro é um animal familiar do homem, e significa amor.

SHALLOW — O lúcio é peixe fresco; mas o do escudo é salgado.

SLENDER — E eu, primo, poderei esquartelar o escudo?

SHALLOW — Sim, com o casamento.

EVANS — Seria pena se o escudo ficasse esquartejado.

SHALLOW — Não; isso não se dará.

EVANS — Sim, por Nossa Senhora. Se ele tirar um quarto de vosso escudo, só ficareis com três quartos, na minha modesta opinião. Mas dá no mesmo. Se sir John Falstaff vos fez alguma ofensidade eu, como homem da Igreja, ficarrei satisfeito se puder exercer minha benevolência

para promover a regonciliação e o gompromisso entre vós.

SHALLOW — A Corte de Justiça irá tomar conhecimento do caso. É um desordeiro.

EVANS — Não é gonveniente que a Gorte de Xustiça ouça falar de desordens. A Gorte de Xustiça, ora vêde, gosta de ouvir falar do temor de Deus; não de desordens; dou-vos esse avisamento.

SHALLOW — Ah! Por minha vida! Se eu pudesse remoçar, a espada decidiria a questão.

EVANS — Será melhor que os amigos sejam a espada, para decidirem a guestão. Tenho outro plano na gabeça, que se der resultados, produzirá grandes gonveniências: estou bensando em Ana Page, a filha do mestre Jorge Page, que é uma péla firgindade.

SLENDER — A menina Ana Page! Tem cabelos escuros e fala com uma vozinha de senhora.

EVANS — É xustamente a melhor griatura do mundo inteiro que poderíeis desejar. É dona de setecentas libras em dinheiro, ouro e prata que lhe deixou o avô no leito de morte — que Deus lhe dê uma poa ressurreição! — para quando ela se tornar gapaz de completar dezessete anos. Bor

isso seria um conselho barar com nossas disgussõezinhas e arranjar o casamento de mestre Abraâo com a senhorita Ana Page.

SHALLOW — Como! O avô dela deixou-lhe setecentas libras?

EVANS — Sim, e o bai vai deixar-lhe um becúlio ainda maior.

SHALLOW — Conheço essa pessoa; tem muitas qualidades.

EVANS — Setecentos libras e outras bersbectivas são poas qualidades.

SHALLOW — Então vamos à casa do honesto mestre Page. Falstaff estará lá?

EVANS — Então eu iria mentir? Desbrezo um mentiroso, como desbrezo o hibócrita ou a bessoa que não diz a verdade. O cavaleiro, sir John, está lá, com certeza. Mas beço-vos ouvir quem vos deseja o pem. Vou pater na porta de mestre Page. (*Bate.*) Olá! Deus apençoe esta casa aqui!

PAGE (*dentro*) — Quem bate?

EVANS — Aqui está a penedição de Deus e vosso amigo e o juiz Shallow; e aqui está o jovem mestre Slender, que porventura vos contará uma outra história, se o assunto não vos desagradar.

(*Entra Page.*)

PAGE — Fico contente por ver que Vossas Senhorias estão bem. Muito obrigado, mestre Shallow, pela caça que me mandastes.

SHALLOW — Mestre Page, alegra-me ver-vos; que vos faça muito bem ao coração bondoso. Desejara ter mandado melhor caça; foi mal atirada. — Como vai passando a bondosa senhora Page? — De todo coração me declaro vosso devedor, sim, para sempre.

PAGE — Agradeço-vos, senhor.

SHALLOW — Agradeço-vos, senhor; quer concordeis, ou não, muito obrigado.

PAGE — Folgo em ver-vos, bom mestre Slender.

SLENDER — Como está o vosso galgo fulvo, senhor? Ouvi dizer que ele foi vencido na corrida de Cotsale.

PAGE — Não ficou decidido, senhor.

SLENDER — Não quereis confessar! Não quereis confessar!

SHALLOW — Não há de confessar, decerto. A falta é vossa! A falta é vossa! É um bom cachorro.

PAGE — É um mastim, senhor.

SHALLOW — Senhor, é um bom cachorro; um belo cachorro. Pode-se dizer mais? Bom e bonito. — Sir John Falstaff está aqui?

PAGE — Está lá dentro, senhor. Eu ficaria satisfeito se pudesse promover a reconciliação entre vós.

EVANS — Isso é fala de muito pom cristão.

SHALLOW — Ele me ofendeu, mestre Page.

PAGE — De algum modo, senhor, pois ele reconheceu a própria culpa.

SHALLOW — Reconheceu a culpa, mas quem agüentou com as conseqüências fui eu, não é assim, mestre Page? Ofendeu-me; sim, ofendeu-me; palavra de honra, foi o que fez, podeis acreditar-me. Roberto Shallow, escudeiro, declara-se ofendido.

PAGE — Aí vem vindo sir John.

(*Entram Sir John Falstaff, Bardolfo, Nym e Pistola*)

FALSTAFF — Então, mestre Shallow, tencionais apresentar ao rei queixa contra mim?

SHALLOW — Espancastes meus homens, cavaleiro; mataste um veado de minha propriedade e forçastes o pavilhão.

FALSTAFF — Mas não beijei a filha do vosso couteiro?

SHALLOW — Ora, coisa nenhuma! Tereis de responder por isso tudo.

FALSTAFF — Neste momento; responderei por tudo isso que dizeis. Pronto; está respondido.

SHALLOW — O Conselho irá ficar sabendo o que se deu.

FALSTAFF — Seria mais prudente ouvirdes um conselho, para que não riam de vós no Conselho.

EVANS — *Pauca verba,* sir John, e balavras menos ferdes.

FALSTAFF — Nem verde nem verdura! Slender, quebrei-vos a cabeça. Que pretendeis fazer contra mim?

SLENDER — Com a breca, senhor! Tenho na cabeça muita coisa Contra vós e contra o vosso terno de trapaceiros, Bardolfo, Nym e Pistola. Levaram-me para a taberna, embebedaram-me e depois me esvaziaram os bolsos.

BARDOLFO — Era só casca de queijo.

SLENDER — Pouco importa.

PISTOLA — Então, Mefistófilo?

SLENDER — Pouco importa.

NYM — Acabemos com isso, digo! *Pauca, pauca!* Acabemos com isso! É o meu humor.

SLENDER — Por onde anda o meu criado Simples, não sabereis dizer-mo, primo?

EVANS — Baz, baz, por obséquio. Façam as bazes. Há três árpitros neste negócio, de acordo com a minha gombreensão: mestre Page, *fidelicet* mestre Page, eu mesmo, *fidelicet* eu mesmo, e a terceira barte, por último e finalmente, o nosso estalaxadeiro da Xarreteira.

PAGE — A nós três é que compete ouvir a questão e resolvê-la.

EVANS — Berfeitamente; vou tomar nota disso no meu livro; depois trapalharemos na causa com a disgrição de que formos cabazes.

FALSTAFF — Pistola!

PISTOLA — Ele ouve com as orelhas.

EVANS — O tiabo e sua mãe! Que frase é essa: “Ele ouve com as orelhas?” Isso é afetação.

FALSTAFF — Pistola, bateste a carteira de mestre Slender?

SLENDER — Bateu, por estas luvas! Se não estou falando a verdade, não quero nunca mais

voltar a entrar no meu quarto grande. Continha sete pences em moeda antiga e dois xelins de jogo com a efígie de Eduardo, que eu comprara do moleiro Yead à razão de dois xelins e dois dinheiros cada um; por estas luvas!

FALSTAFF — É verdade o que ele está dizendo, Pistola?

EVANS — Non; é falso, se ele for um patedor de garteiras.

PISTOLA — Morador das montanhas! Estrangeiro! Sir John e meu patrão! Com esta espada lanço o meu desafio, e nesses lábios atiro o desmentido! Um desmentido! Pela escuma do mar, é tudo falso!

SLENDER — Por estas luvas, então foi aquele ali.

NYM — Tende mais cautela, senhor e deixai dessas brincadeiras. Preparar-vos-ei uma armadilha, se virardes contra mim o vosso humor de quebra-nozes. Eis a nota da questão.

SLENDER — Por este chapéu, então foi aquele ali, de cara vermelha. Por que embora eu não me lembre de tudo o que fiz, quando me deixastes bêbedo, não sou um asno completo.

FALSTAFF — Que dizeis a isso, João Escarlate?

BARDOLFO — Ora, senhor, pela minha parte digo apenas que o cavalheiro se embriagou até perder as cinco sentenças.

EVANS — Xinco xentidos, é o que quereis dizer. Quanta ignorância!

BARDOLFO — E estando chupado, senhor, achava-se, como se diz, com a caixa leve ultrapassando, portanto, suas conclusões a meta.

SLENDER — isso; na hora também falastes latim. Mas pouco importa. Enquanto viver, nunca mais hei de me embriagar, por me ter acontecido isso, salvo se for em companhia de gente honesta, civil e piedosa. Se tiver de embriagar-me, será com pessoas que revelem temor de Deus, não com velhacos bêbedos.

EVANS — É uma dexisão virtuosa, assim bossa Deus julgar-me.

FALSTAFF — Senhores, ouvistes bem como tudo foi contestado; ouviste perfeitamente.

(*Entram Ana Page, com vinho, a senhora Ford e a senhora Page.*)

PAGE — Não, filha; leva o vinho para trás; beberemos lá dentro.

(*Sai Ana Page.*)

SLENDER — Oh Céus! É a menina Ana Page!

PAGE — Então, senhora Ford?

FALSTAFF — Senhora Ford, por minha fé, chegais em boa hora. Com vossa permissão, bondosa senhora. (*Beija-a.*)

PAGE — Mulher, dá as boas-vindas a estes cavalheiros. Vamos; para o jantar temos um pastel quente de caça. Vamos, cavalheiros; espero que afoguemos no copo os aborrecimentos.

(*Saem todos, com exceção de Shallow, Slender e Evans.*)

SLENDER — Daria quarenta xelins para ter agora o meu livro de cantigas e sonetos. (*Entra Simples.*) Então, Simples? Por onde tendes andado? Será preciso que eu mesmo me sirva, não? Não tendes por acaso o meu livro de charadas?

SIMPLES — O livro de charadas? Então não o emprestastes a Alice Shortcake no dia de Todos os Santos, uma quinzena antes de São Miguel?

SHALLOW — Vamos, primo; vamos, primo. Nós vos serviremos. Uma palavra, primo; uma palavrinha. Houve, por assim dizer, uma proposição, uma espécie de proposição assim por alto, da parte do nosso reverendo Hugo. Compreendeis-me?

SLENDER — Perfeitamente, senhor. Haveis de encontrar-me razoável. Se tal se der, farei o que aconselhar a razão.

SHALLOW — Sim, mas compreendeis o que quero dizer?

SLENDER — Compreendi, senhor.

EVANS — Prestai ouvido à sua moção, mestre Slender, que eu vos farei a disgrição da coisa, se tiverdes gapacidade para entendê-la.

SLENDER — Farei o que disse o primo Shallow; perdoai-me, mas ele é juiz de paz do distrito em que mora, conquanto eu seja pessoa tão humilde no meu.

EVANS — Mas a guestão é outra, mestre Slender, relativa ao vosso gasamento.

SHALLOW — Sim, é esse o ponto, senhor.

EVANS — E isso! É isso! o ponto verdadeiro, com a senhorita Ana Page.

SLENDER — Bem, se é assim, desposá-la-ei sob qualquer condição razoável.

EVANS — Mas sentis por ela alguma afetaçom? Querremos saber isso da vossa própria poca, ou de vossos lábios, porque há filósofos que afirmam serem os lábios uma parcela da poca.

Por isso, precisamente, podeis lançar vossa inclinaçom para o lado dessa senhorita.

SHALLOW — Primo Abraão Slender, sois capaz de amá-la?

SLENDER — Espero que sim, senhor; hei de amá-la como convém a uma pessoa razoável.

EVANS — Pelos santos e pelas santas de Deus! Dizei com bositividade se podeis lançar vossos desejos para o lado dela.

SHALLOW — É isso que deveis fazer. Trazendo ela um bom dote, estareis disposto a desposá-la?

SLENDER — Partindo de vós a proposta, primo, farei muito mais do que isso, com qualquer razão.

SHALLOW — Não; compreendei-me, compreendei-me, querido primo. Tudo o que faço, primo, é visando o vosso bem. Podeis amar a rapariga?

SLENDER — Desposá-la-ei, senhor, se assim o determinardes. Se no começo não houver grande amor, o céu poderá fazê-lo diminuir, quando se formar conhecimento mais íntimo, depois de estarmos casados e de termos outras oportunidades de ficarmos nos conhecendo. Espero que com a intimidade aumente a

antipatia. Mas se me disserdes: “Casai com ela!” casarei, e pronto. Estou dissolvido e dissoluto a fizer isso.

EVANS — Resposta de blena disgrição, tirante o erro da balavra “dissoluto.” Segundo o nosso bensamento, a balavra deveria ser “resoluto.” Sua intençom é poa.

SHALLOW — Sim, estou certo de que o primo tem boa intenção.

SLENDER — Se não tivesse, quisera que me enforcassem.

SHALLOW — Aí vem vindo a bela senhorita Ana. (*Volta Ana Page.*) Senhorita Ana, só por amor de vós, quisera ficar moço outra vez.

ANA — O jantar está na mesa; meu pai deseja a presença de Vossas Honras.

SHALLOW — Estou às suas ordens, bela senhorita Ana.

EVANS — Que Deus seja louvado. Não podeis faltar à pênção.

(*Saem Shallow e Evans.*)

ANA — Vossa Senhoria não se dignará, também, de entrar?

SLENDER — Não, muito obrigado, em verdade, de todo o coração. Estou passando muito bem.

ANA — O jantar vos espera, senhor.

SLENDER — Não estou com fome; muito obrigado, em verdade. — Maroto, vai logo; embora sejas meu criado, vai servir ao primo Shallow. (*Sai Simples.*) Às vezes, um juiz de paz poderá ficar agradecido a um amigo que lhe empreste seu criado. Até à morte de minha mãe só terei a meu serviço três criados e um pajem. Mas que importa? Por enquanto, vivo como fidalgo pobre.

ANA — Não poderei voltar sem levar Vossa Senhoria; os outros não se assentarão à mesa, enquanto não chegardes.

SLENDER — Por minha fé, não comerei nada; agradeço-vos como se tivesse comido.

ANA — Entrai, senhor, por obséquio.

SLENDER — Muito obrigado; preciso passear um pouco aqui fora. Há dias quebrei a canela numa luta de espada e adaga com um professor de esgrima; três assaltos por um prato de ameixas ao forno. Por minha honra, desde esse dia não suporto o cheiro de comida quente. Por que ladram tanto vossos cães? Haverá ursos na cidade?

ANA — Creio que sim, senhor; ouvi falar que há.

SLENDER — Gosto muito de briga de ursos; mas ferro logo uma discussão, como não há outro na Inglaterra. Ficais com medo, quando vedes um urso solto, pois não?

ANA — Realmente, senhor.

SLENDER — Para mim, isso, hoje, é como comer e beber. Já vi Sackerson solto mais de vinte vezes e o segurei pela corrente. Mas, posso afiançar-vos: as mulheres gritavam e choravam, que não é possível descrever. Às mulheres, de fato, não suportam esse espetáculo; são animais muito ferozes.

(*Volta Page.*)

PAGE — Vinde, gentil mestre Slender; vinde; estamos à vossa espera.

SLENDER — Não quero comer nada, senhor; muito obrigado.

PAGE — Pelo galo e pela pega, senhor, não podeis recusar. Vinde! Vinde!

SLENDER — Então, por obséquio, ide na frente.

PAGE — Entrai, senhor.

SLENDER — Senhorita Ana, passai na frente.

ANA — Eu não, senhor; entrai, por obséquio.

SLENDER — Em verdade, não serei o primeiro. Em verdade, pronto! Não vos farei semelhante ofensa.

ANA — Por obséquio, senhor.

SLENDER — Prefiro ser descortês a ser importuno. Se houver ofensa, é vossa; pronto!

(*Saem.*)

# Cena II

*O mesmo. Entram o Reverendo Hugo Evans e Simples.*

EVANS — Segui vosso gaminho e fizer perguntaçom da casa do doutor Caius, que fica no gaminho. Mora lá uma senhora Quickly, que é uma esbécie de ama dele, ou gofernante, ou gozinheira, ou lafadeira, ou engomadeira, ou torcedora de roupa.

SIMPLES — Perfeitamente, senhor.

EVANS — Não; será melhor entregar-lhe esta carta, porque ela é bessoa de relacionamento antigo com a senhorita Ana Page. A carta é para pedir e requerer que ela ampare as bretensões de vosso amo xunto da senhorita Ana Page. Barti logo, por opséquio; eu vou acabar de xantar; ainda vai haver bibino e queixo.

(*Saem.*)

# Cena III

*Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Falstaff, o Estalajadeiro, Bardolfo, Nym, Pistola e Robim.*

FALSTAFF — Meu estalajadeiro da Jarreteira!

ESTALAJADEIRO — Que diz o meu alegre companheiro? Falai com erudição e sabedoria.

FALSTAFF — Em verdade, meu estalajadeiro, estou precisando despedir alguns dos meus homens.

ESTALAJADEIRO — Despedi o valente Hércules. Mandai-o embora. Que se mexa. Toca! Toca!

FALSTAFF — Preciso de dez libras por semana.

ESTALAJADEIRO — És um imperador, césar, kaiser e zangão. Ficarei com Bardolfo; dar-lhe-ei a incumbência de ir buscar vinho e pô-lo no barril. Não falei bem, meu valente Heitor?

FALSTAFF — Fazei isso mesmo, bondoso estalajadeiro.

ESTALAJADEIRO — Já o disse. Agora, ele que me siga. (*A Bardolfo.*) Quero ver se sabes fazer espumar a cerveja e deixar o vinho colante. Sou homem de uma só palavra. Acompanha-me!

FALSTAFF — Vai com ele, Bardolfo; a profissão de moço de taberna é muito boa. De uma capa velha faz-se um casaco novo e de um criado murcho um moço de taberna loução. Vai. Adeus.

BARDOLFO — É profissão com que sempre eu sonhara. Hei de me dar muito bem nela.

PISTOLA — Baixo hungarês, coisa à-toa! Pretendes pegar no batoque?

(*Sai Bardolfo.*)

NYM — Ele foi concebido no vinho. Não valeu o humor da brincadeira?

FALSTAFF — Alegra-me ficar livre dessa caixa de fuzil. Seus roubos estavam dando muito na vista; furtava como os cantores desajeitados: sempre fora de tempo.

NYM — O verdadeiro humor da coisa consiste em furtar numa pausa mínima.

PISTOLA — A isso dão os sábios o nome de apropriar-se. “Roubar”, ora! Uma figa para a expressão.

FALSTAFF — Pois é, senhores; estou ficando com os calcanhares de fora.

PISTOLA — Então, cuidado com as frieiras.

FALSTAFF — Não há outro remédio: terei de fintar alguém, preciso recorrer a expedientes.

PISTOLA — Corvo novo necessita de alimento.

FALSTAFF — Qual de vós conhece um certo Ford, aqui da cidade?

PISTOLA — Conheço o tipo; é de boa substância.

FALSTAFF — Meus honestos rapazes, vou revelar-vos aqui em particular quais são as minhas medidas.

PISTOLA — Para mais de duas jardas.

FALSTAFF — Deixa de trocadilhos, Pistola! É verdade que tenho uma cintura de duas jardas; mas neste momento não importa meu cinto, mas o que sinto. Em resumo, rapazes, tenho em mente fazer a corte à mulher do Ford. Estou certo de que hei de divertir-me bastante: conversa bem,

é afável, sabe convidar a gente com o rabo do olho. Interpreto perfeitamente o seu estilo familiar. Mas o mais renitente trecho de sua conduta poderá ser traduzido da seguinte maneira: “Chamo-me sir John Falstaff!”

PISTOLA — Vê-se que ele a estudou a fundo, traduzindo-a muito bem da honestidade para o inglês.

NYM — A âncora bateu no fundo; permitis-me a brincadeira?

FALSTAFF — Segundo os boatos que correm por aí, é ela quem dirige a bolsa do marido, sendo certo que ele possui um regimento de anjos.

PISTOLA — Número igual de demônios apresta, e “Avançar!” aconselho.

NYM — O humor está subindo. Muito bem. Esses anjos me deixam bem humorado.

FALSTAFF — Tenho aqui comigo uma carta que escrevi para mandar-lhe, e uma outra para a mulher de Page, que, faz pouco tempo, me lançou olhares animadores e examinou o meu físico com miradas judiciosas, ora dourando-me os pés com os raios dos olhos, ora o ventre avantajado.

PISTOLA — O sol a iluminar o monturo.

NYM — Felicito-te pela piada.

FALSTAFF — Percorreu minhas formas exteriores com tão ávida curiosidade, que o apetite de seus olhos parecia queimar-me como um espelho ustório. Esta carta aqui é para lhe ser entregue. É ela, também, quem dirige a bolsa do casal; é um trecho da Guiana, rica em ouro e liberalidades. Passarei a ser o coletor de ambas, e elas o meu tesouro, as minhas Índias orientais e ocidentais, comerciando eu pelos dois lados. Leva esta carta para a senhora Page, e tu, esta outra para a senhora Ford. Vamos ficar ricos, rapazes! Vamos ficar ricos!

PISTOLA — Eu, virar Pândaro de Tróia, tendo na cintura esta espada? Melhor fora, Lúcifer, que levásseis a nós todos.

NYM — Não representarei um humor desprezível. Retomai vossa carta humoresca; pretendo conservar intacta minha reputação.

FALSTAFF (*a Robim*) — Leva esta carta, ó coisa, bem depressa! Veleja como a minha caravela, no rumo à Costa do ouro. E vós, velhacos, fora daqui! Sumi como saraiva! Arrastai-vos a pé, buscai abrigo, que Falstaff e seu pajem, à francesa, serão homens do século, é certeza.

(*Saem Falstaff e Robim.*)

PISTOLA — Rasguem-te os intestinos os abutres. Dados falsos ainda há, dados com chumbo, lanços altos e baixos, para pobres e ricos enganar. Hei de no bolso ter sempre moedas, quando já estiveres sem vintém, baixo frígio da Turquia!

NYM — Trago algumas operações na cabeça, que são o humor da vingança.

PISTOLA — Queres vingar-te?

NYM — Pelo céu e os astros.

PISTOLA — Com espírito, ou aço?

NYM — Os dois humores. Ao pajem vou contar o humor da carta.

PISTOLA — E a Ford eu próprio revelo que Falstaff, tipo à-toa, quer arrombar-lhe o castelo e surripiar-lhe a garçoa.

NYM — Meu humor não arrefecerá; vou concitar Page a pensar em veneno; deixá-lo-ei enciumado ao último ponto, porque a explosão da mina seja perigosa: eis o verdadeiro humor do caso.

PISTOLA — És o Marte dos descontentes. Estou contigo. Marcha!

(*Saem.*)

# Cena IV

*Um quarto em casa do doutor Caius. Entram a senhora Quickly e Simples.*

QUICKLY — Olá, John Rugby! (*Entra Rugby*) Por obséquio, vai à janela e vê se o meu amo já vem, o mestre doutor Caius. Se ele encontrar aqui alguém de fora, fará um mau uso da paciência de Deus e do inglês do rei.

RUGBY — Vou espiar.

QUICKLY — Vai, que à noite beberemos alguma coisa, posso assegurar-te, quando estiver para se extinguir a chama do carvão. (*Sai Rugby.*) É um criado honesto, serviçal, atencioso, como não se encontra outro em nenhuma casa, e, posso asseverar-vos, não vive contando novidades nem procurando mexericos. Seu pior defeito é gostar muito de rezar; a esse respeito, é um pouco teimoso; mas todos nós temos os nossos defeitos. Que reze! Vosso nome é Pedro Simples, não foi isso que dissestes?

SIMPLES — Sim, senhora; em falta de outro melhor.

QUICKLY — E vosso patrão é mestre Slender?

SIMPLES — Sim, por minha fé.

QUICKLY — Não é aquele senhor que usa uma barba grande e redonda, parecida com trinchete de luveiro?

SIMPLES — Não, por minha fé; tem uma carinha de penugem, com uma barbicha amarela, uma barba da cor de canela.

QUICKLY — E é homem de gênio calmo, não é verdade?

SIMPLES — Sim, por minha fé; mas é pessoa de punhos decididos como qualquer outra entre esta cabeça e a dele; já brigou com um couteiro.

QUICKLY — Que me dizeis! Ah, sim! Agora me recordo de sua figura. Não anda, por assim dizer, de cabeça alta e um tanto empertigado?

SIMPLES — Perfeitamente; isso mesmo.

QUICKLY — Que o céu não contemple Ana Page com pior sorte. Dizei ao reverendo Evans que farei o que for possível a favor de vosso amo. Ana é uma boa rapariga e eu só desejo...

(*Volta Rugby.*)

RUGBY — Debandai, que aí vem vindo o patrão!

QUICKLY — Irá passar-nos uma sarabanda. Entrai aqui, bom moço; passai para este compartimento. (*Fecha Simples no quarto anexo.*) Decerto não vai demorar. — Olá, John Rugby! João! Estou chamando! João! Vai saber o que houve com o patrão; receio que lhe tenha acontecido alguma coisa. Até agora não voltou para casa. (*Sai Rugby.*) (*Canta.*) Em baixo, lá! Em baixo, lá!

(*Entra o doutor Caius.*)

CAIUS — Que canção é essa? Não gosto dessas brincadeirras. Por obséquio, ide buscar no meu quarto *une boitine vert,* uma caixa, uma caixa verde. *Entendez-vous ce que je dis?*

QUICKLY — decerto que entendo. Vou já. (*À parte.*) Por sorte ele mesmo não foi buscá-la. Ficaria fulo de raiva, se encontrasse lá dentro o rapaz.

CAIUS — *Fe,fe,fe,fe! Ma foi, il fait fort chaud. Je m'en vais à la cour... la grande affaire.*

QUICKLY — É esta, senhor?

CAIUS — *Oui; mettez le no meu bolse; depechez!* Depresse! Onde está esse velhaque Rugby?

QUICKLY — Olá, John Rugby! John!

(*Volta Rugby.*)

RUGBY — Aqui, senhor.

CAIUS — Sois John Rugby e sois Jack Rugby. Apanhai vossa espada, para irmos à la cour, à corte.

RUGBY — Tenho-a à mão, senhor, aqui mesmo no vestíbulo.

CAIUS — Por minha fé, estou demorando muito. *Mortdieu! Qu'ay j'oublié?* No meu gabinete há um simples, que não desejo deixar lá por nada de ce monde.

QUICKLY (*à parte*) — Ai de mim! Vai ficar fulo de raiva, quando der com o rapaz lá dentro.

CAIUS — *Ó diable! diable!* Quem está em meu gabinete? *Villain! Larron!* (*Empurrando Simples para fora.*) Rugby minha espada!

QUICKLY — Ficai calmo, meu bom amo.

CAIUS — E *pourquoi* terrei de ficar calme, eh?

QUICKLY — Esse rapaz é um moço honesto.

CAIUS — E que pode querer um moço honeste no meu gabinete? Moço honeste non entra no meu gabinete.

QUICKLY — Por favor, não fiqueis tão fleumático. A verdade do caso é que ele me trouxe uma incumbência da parte do reverendo Evans.

CAIUS — *C'est bien.*

SIMPLES — Realmente, para pedir-lhe que...

QUICKLY — Ficai quieto, por obséquio.

CAIUS — Vôtre langue é que deve ficar quiete! *Et vous,* ai, continuai com vossa história.

SIMPLES — ... para pedir a esta honesta senhora, vossa empregada, que dissesse uma palavrinha à senhorita Ana Page a favor do meu amo, no sentido de casamento.

QUICKLY — Foi isso, nada mais; pronto! Mas eu é que não meto o dedo no fogo. Não tenho necessidade disso.

CAIUS — Foi o reverendo Hugo que vos mandou com esse recado? Rugby, *baillez-moi* papel! Esperrai um pouco. (*Escreve.*)

QUICKLY — Fico satisfeito por vê-lo assim tão calmo; se houvesse ficado colérico, teríeis ouvido seus gritos e sua melancolia. Mas, apesar de tudo, homem, farei o que puder por vosso amo; e o verdadeiro sim e não da questão é que o doutor francês, meu amo — posso dar-lhe esse nome porque, vede bem, sou eu que tomo conta

de sua casa, lavo, torço, esfrego, preparo cerveja, pão, cuido da limpeza geral, da comida e da bebida, arrumo a cama, faço tudo sozinha...

SIMPLES — Carga pesada!

QUICKLY — Ah! Percebeste isso? Realmente, uma carga pesada! Levantar cedo e deitar tarde. Mas apesar de tudo — digo-vos isso aqui entre nós, porque não gosto de mexericos — meu amo também está apaixonado da senhorita Ana Page. Mas apesar de tudo, conheço o gênio de Ana; não pende para nenhum dos lados.

CAIUS — Olá, macaque! Entrega esta carta ao reverendo Hugo. *Pardieu*! É um desafio. Hei de cortar-lhe o pescoço no parque. Quero ensinar a esse padre miserável, a esse mono, a não meter o bedelho onde não é da conta dele. Podeis ir emborra; não fica bem demorardes aqui mais tempo. *Pardieu*! Vou arrancar-lhe as pedras; ficarrá sem nenhuma pedra para atirar aos cães.

(*Sai Simples.*)

QUICKLY — Oh céus! Ele falou apenas em nome do amigo.

CAIUS — A queston é outra. Não me tínheis dito que eu irria ficar com Ana Page, hein? *Pardieu*, vou matar esse badameco de padre; pedi

ao estalajadeiro da Jarreteira que medisse nossas armas. *Pardieu*, eu é que vou ficar com Ana Page.

QUICKLY — A senhorita vos dedica muito amor; tudo ainda há de acabar bem. Mas é preciso deixar que os Outros falem também, ora essa!

CAIUS — Rugby, vamos à corte. *Pardieu*! Se eu não ficar com Ana Page, atiro-vos de cabeça por essa janela. Segue-me nos calcanhares, Rugby.

(*Saem Caius e Rugby.*)

QUICKLY — Haveis de ver Ana mas é por um óculo! Não; conheço o pensamento de Ana; não há em Windsor mulher alguma que conheça o pensamento de Ana como eu, nem que tenha maior influência sobre ela, graças a Deus.

FENTON (*dentro*) — Há alguém em casa? Eh!

QUICKLY — Quem está ai? Vinde para perto da porta, por obséquio.

(*Entra Fenton.*)

FENTON — Então, boa mulher, como vais passando?

QUICKLY — Tanto melhor, por haver Vossa Senhoria procurado saber do meu estado.

FENTON — Quais são as novidades? Como vai passando a bela senhorita Ana?

QUICKLY — Com efeito, senhor, ela é bela, honesta e gentil, posso asseverar-vos de passagem. Quanto a isso, levanto as mãos para o céu.

FENTON — Acreditais que eu conseguirei o intento? Não serei recusado?

QUICKLY — Em verdade, senhor, tudo está nas mãos do Altíssimo. Todavia, mestre Fenton, poderia jurar sobre o livro em como ela vos ama. Vossa Senhoria não tem uma verruga em cima dos olhos?

FENTON — Tenho, com a breca! Mas a que vem isso?

QUICKLY — Ah! E uma história muito comprida. Por minha fé, a Aninha é única! Mas honesta como ela, nunca houve rapariga que cortasse pão, é o que eu protesto. Conversamos durante duas horas a respeito dessa verruga. Nunca rio tanto como quando me acho na companhia dessa rapariga, que é, realmente, muito dada à alicolia e à contemplação. Mas com relação a vossa pessoa... continuai sem desânimo.

FENTON — Muito bem; vou vê-la hoje à noite. Fica com esta lembrança da minha parte e dize-lhe uma palavrinha a meu favor. Se a vires antes de mim, recomenda-me.

QUICKLY — Recomendar-vos? É o que farei, sem dúvida alguma. E, quando tivermos outra confidência, voltarei a falar a Vossa Senhoria a respeito da verruga e dos outros pretendentes.

FENTON — Muito bem. Adeus. Estou com pressa.

QUICKLY — Passe bem Vossa Senhoria. (*Sai Fenton.*) É, realmente, um rapaz honesto; Ana, porém, não lhe dedica amor. Conheço o pensamento de Ana tão bem como qualquer pessoa. Mas, com a breca! De que foi que eu me esqueci? (*Sai.*)

# ATO II
# Cena I

*Defronte da casa de Page. Entra a senhora Page com uma carta.*

SENHORA PAGE — Como! Das cartas amorosas escapei no bom tempo de minha beleza, para tornar-me agora assunto delas? Vejamos: "Não me pergunteis o motivo de vos amar, porque embora o amor empregue a razão como seu médico, não a admite como conselheira. Já não sois jovem, como eu também não o sou; tendes gênio alegre, tal como eu, ah! ah! Para que maior simpatia? Gostais de xerez tanto quanto eu. Poderíeis desejar maior afinidade? Em resumo, senhora Page, basta saberes — se o amor de um soldado te for suficiente — que te amo. Não direi que te apiades de mim, por não ser soldadesca semelhante frase. Direi apenas: ama-me! Do teu cavaleiro que ao claro luzeiro do sol ou candeeiro por ti, prazenteiro, saudara o coveiro, lutando primeiro com o mundo inteiro. John Falstaff." Que Herodes da Judéia será este? Oh mundo perverso! perverso! Um sujeito quase de todo

roído pela idade, e que se comporta como um moço conquistador! em nome do diabo, que gesto refletido de minha parte poderá ter surpreendido esse bêbedo flamengo em minhas conversações, para ousar assaltar-me por esse modo? Como! Não chegou a conversar comigo nem três vezes! Que lhe poderia ter eu falado? De todas essas vezes fui muito frugal com relação à minha alegria — o céu que me perdoe! — Ora essa! Vou apresentar no parlamento uma lei para supressão de todos os homens. De que modo poderei vingar-me? Sim, porque vingada hei de ser, tão certo como serem feitas de pudim as minhas vísceras.

(*Entra a senhora Ford.*)

SENHORA FORD — Senhora Page, podeis acreditar-me, ia a vossa casa.

SENHORA PAGE — E podeis crer-me que eu também ia fazer-vos uma visita. Tendes aparência de quem não se sente bem.

SENHORA FORD — Jamais darei crédito a semelhante coisa, pois posso provar o contrário.

SENHORA PAGE — É certo. Pelo menos, é a impressão que me deixais.

SENHORA FORD — Bem; que seja. Mas torno a dizer que posso provar o contrário. Ó senhora Page, aconselhai-me.

SENHORA PAGE — De que se trata, minha flor?

SENHORA FORD — Ó flor! Se não fosse o respeito insignificante que devemos à sociedade, a que honras eu não poderia subir!

SENHORA PAGE — Enforcai esse respeito insignificante, minha querida, e ficai com as honras. Mas, de que se trata? Ponde de lado as insignificâncias. De que se trata?

SENHORA FORD — Se eu me dispusesse a ir para o inferno por uma eternidade ou pouco mais, poderia ser mulher de um cavaleiro.

SENHORA PAGE — Como! Isso é mentira de tua parte. “Sir Alice Ford!” Cavaleiros desse porte tornam-se logo vulgares, continuando tu no mesmo ponto, no que respeita à tua fidalguia.

SENHORA FORD — Estamos acendendo luz de dia. Lede isto, e vede como posso tornar-me fidalga. Enquanto eu tiver vista para distinguir a corpulência das pessoas, hei de fazer mau juízo dos homens gordos. No entanto, ele não jurava, elogiava a modéstia das mulheres e manifestava um desprezo tão decente e reservado com relação às inconveniências, que eu teria jurado que sua conduta andava a par com a verdade de suas palavras. Mas ambas se combinam e se adaptam como o centésimo Salmo com a música da canção

“As mangas verdes”. Que tempestade, pergunto agora, fez encalhar nas praias de Windsor essa baleia, com tantas toneladas de azeite na barriga? De que modo vingar me dele? Penso que o melhor meio seria entretê-lo com esperanças, até que o fogo maldito de sua luxúria o fizesse derreter em sua própria gordura. Já ouvistes falar em coisa igual?

SENHORA PAGE — Carta por carta, com a diferença de que onde uma traz o nome “Ford” a outra mostra o nome “Page”. Para tranqüilizar-te a respeito do mistério de tua má reputação, aqui tens a irmã gêmea de tua carta. Mas que fique a herança para a tua, porque posso assegurar-te que a minha jamais a reclamará. Aposto como ele tem um milheiro dessas cartas, com o lugar para o nome. E mais: que estas já estão em segunda edição. Sem dúvida alguma, vai publicá-las, porque para ele pouco importa o texto, contanto que o nosso nome esteja no meio. Eu preferia ver-me transformada em um dos gigantes e ficar debaixo do monte Pélion. Pelo que vejo, é mais fácil encontrar vinte rolinhas lascivas do que um homem casto.

SENHORA FORD — Mas são iguaizinhas as cartas! A mesma letra, as mesmas expressões. Que juízo fará ele de nós?

SENHORA PAGE — Sinceramente, não saberei dizê-lo. Isso me leva quase ao ponto de brigar com minha própria honestidade. De hoje em diante vou ter-me na conta de uma pessoa que eu própria desconheço. Porque é certeza: se ele não houvesse percebido em mim alguma mancha de que eu mesma não tenho conhecimento, não me teria abordado com tamanho ímpeto.

SENHORA FORD — Dais a isso o nome de abordagem? Pois tenho certeza de que vou mantê-lo sempre em baixo do convés.

SENHORA PAGE — Eu também; se ele conseguir chegar às minhas escotilhas, nunca mais me farei ao mar. Precisamos vingar-nos. Vamos marcar uma entrevista com ele, dar uma réstia de esperança para suas pretensões e entretê-lo com dilações de iscas atraentes, até que se veja obrigado a penhorar os cavalos para o hospedeiro da Jarreteira.

SENHORA FORD — Está bem; consinto em praticar com ele qualquer velhacaria, contanto que nossa honra não saia maculada. Ah! Se meu marido visse esta carta! Seria pábulo inesgotável para o seu ciúme.

SENHORA PAGE — Aí vem ele, juntamente com o meu bom marido, que se acha tão distante

do ciúme como eu de lhe dar ocasião para isso, o que é distância incomensurável, me parece.

SENHORA FORD — Tanto maior é a vossa felicidade.

SENHORA PAGE — Vamos confabular só entre nós, contra esse cavaleiro enxundioso. Vinde comigo.

(*Afastam-se. Entram Ford, Pistola, Page e Nym.*)

FORD — Espero que nada disso seja verdade.

PISTOLA — A esperança, por vezes, é um cachorro cotó. Mas a verdade é que Sir John ama vossa mulher.

FORD — Ora, senhor! Minha mulher já não é jovem!

PISTOLA — Ora, Ford! Ele faz a corte a moças e velhas, pobres e abastadas, altas e baixas; tudo serve. Gosta muito de sarrabulho. Ford, tem cuidado!

FORD — Ama minha mulher?

PISTOLA — Com fígado escaldante. Toma logo tuas medidas, caso não desejes virar o senhor Acteão, e perseguido por matilha atroadora. Oh nome odioso!

FORD — Que nome, senhor?

PISTOLA — Cornos, senhor. Adeus. Toma cuidado! Abre o olho, que os ladrões gostam da noite. Toma outras medidas antes que o verão chegue e o cuco cante. Vamos, sargento Nym. Page, podes crer nele; é veraz sempre. (*Sai.*)

FORD (*à parte*) — Preciso revestir-me de paciência para deslindar esse caso.

NYM (*a Page*) — É tudo verdade; não me agrada o humor da mentira. Ele me ofendeu em certos humores. Era eu que deveria entregar a tal carta, mas tenho uma espada que há de mostrar os dentes, quando for preciso. Ama vossa esposa: é esse o comprido e o curto da coisa. Meu nome é sargento Nym; digo e afirmo que é tudo verdade. Chamo-me Nym, e Falstaff gosta de vossa esposa. Adeus. Não gosto do humor de pão e queijo: eis o humor da coisa. Adeus. (*Sai.*)

PAGE (*à parte*) — "O humor da coisa", foi o que ele disse. Com essas brincadeiras, esse sujeito espanta o próprio humor.

FORD — Vou procurar Falstaff.

PAGE — Em toda a minha vida nunca ouvi um velhaco arrastar as palavras com tamanha afetação.

FORD — Se o encontrar, bem.

PAGE — Não darei crédito a um biltre dessa laia, ainda que o pároco da cidade o recomende como a homem verdadeiro.

FORD — É um rapaz que revela bom senso. Bem.

PAGE — Então, Meg?

SENHORA PAGE — Para onde ides, Jorge? Atendei-me um instante.

SENHORA FORD — Então, querido Frank! Por que estais melancólico?

FORD — Eu, melancólico? Não estou melancólico, coisa nenhuma. Ide já para casa, vamos!

SENHORA FORD — Por minha fé, tendes alguma caraminhola na cabeça. Não vindes, senhora Page?

SENHORA PAGE — Irei convosco. Não ireis jantar, Jorge? (*À parte, à senhora Ford.*) Vede quem vem ali; vai servir-nos de mensageira para o cavaleiro ridículo.

SENHORA FORD — Estava pensando justamente nela; o ofício lhe vai muito bem.

(*Entra a senhora Quickly.*)

SENHORA PAGE — Vieste ver minha filha Ana

QUICKLY — Sim, por minha fé. Por obséquio, como vai passando a menina Ana?

SENHORA PAGE — Vinde conosco, que vos certificareis do seu estado. Temos uma horinha para conversar.

(*Saem as senhoras Page, Ford e Quickly*.)

PAGE — Então, mestre Ford?

FORD — Ouviste o que aquele velhaco me contou, pois não?

PAGE — Ouvi, e não ouviste também o que O Outro me disse?

FORD — Acreditais que houvessem falado a verdade?

PAGE — Que se enforquem! Corja de velhacos! Não acredito que o cavaleiro seja capaz de semelhante coisa. Os que o acusam de ter essas intenções com relação a nossas esposas foram despedidos do serviço dele, e desde então andam como uma junta de vagabundos sem ocupação.

FORD — Foram criados dele?

PAGE — Sem dúvida.

FORD — Mas nem assim a notícia me deixa tranqüilo. Ele se hospeda na Jarreteira?

PAGE — Isso mesmo. Ele que penda para o lado de minha mulher, que eu a soltarei em cima dele. Se ele conseguir alguma coisa mais do que palavras duras, assumo o peso da responsabilidade.

FORD — Não desconfio de minha mulher, mas não quero vê-los juntos. Um homem pode ser muito confiante; não desejo ter nada na cabeça; não me agradam essas responsabilidades.

PAGE — Vêde quem vem vindo ali! Não é o nosso hospedeiro da Jarreteira? Para estar com aparência tão jovial, ou traz vinho no caco ou dinheiro na sacola. (*Entram o estalajadeiro e Shallow.*) Então, meu estalajadeiro?

ESTALAJADEIRO — Então, ferrabrás? És um gentil-homem, cavaleiro-juiz; é o que te digo.

SHALLOW — Já te sigo, estalajadeiro; já te sigo. Bom-dia vinte vezes, meu bom mestre Page! Mestre Page, não quereis ir conosco? Temos uma brincadeira em perspectiva.

ESTALAJADEIRO — Conta-lhe o que há, cavaleiro-juiz; conta-lhe o que há, meu ferrabrás.

SHALLOW — Senhores, há uma rixa a ser dirimida entre o reverendo Hugo, o padre galense, e Caius, o doutor francês.

FORD — Meu excelente estalajadeiro da Jarreteira, uma palavrinha.

ESTALAJADEIRO — Que disseste, ferrabrás?

(*Conversam à parte.*)

SHALLOW (*a Page*) — Quereis ir conosco, para assistir ao espetáculo? O nosso estalajadeiro brincalhão ficou incumbido de medir as armas e creio que designou lugares diferentes, para os contendores. Pois em verdade ouvi dizer que o pastor não é para graças. Vinde comigo; vou explicar-vos o em que irá consistir a nossa brincadeira.

(*Conversam à parte.*)

ESTALAJADEIRO — Não tens nenhuma queixa contra meu hóspede-cavaleiro?

FORD — Nenhuma, posso asseverar-vos; mas prometo-vos uma botija de xerez queimado, para me aproximardes dele e dizerdes que me chamo Fontes; é uma simples brincadeira.

ESTALAJADEIRO — Aperta esta mão, Rolando! Terás acesso e recesso — falei bonito,

não? — e te chamarás Fontes de verdade. É um cavaleiro divertido. Não vindes, senhores?

SHALLOW — Irei convosco, estalajadeiro.

PAGE — Ouvi dizer que o francês maneja espada com muita habilidade.

SHALLOW — Ora, senhor! Sobre isso eu poderia contar-vos muita coisa. Hoje, todos vós vos conservais em distância, com vossos passos e estocadas e não sei o que mais. O que importa é o coração, mestre Page; neste ponto! neste ponto! Já vi o tempo em que com minha espada comprida vos faria saltar como ratos quatro sujeitos deste tamanho.

ESTALAJADEIRO — Por aqui, rapazes! Por aqui! Vamos indo?

PAGE — Irei convosco. Preferira vê-los discutir a se baterem em duelo.

(*Saem o estalajadeiro, Shallow e Page.*)

FORD — Muito embora Page seja um imbecil pachorrento e confie demais na fragilidade de sua mulher, não porei de lado minhas desconfianças assim com facilidade. Ela esteve com Falstaff em casa de Page, não sabendo eu o que fizeram por lá. Muito bem; vou estudar o caso mais de perto. Tenho um disfarce para sondá-lo. Se eu verificar que ela é honesta, não darei por perdido o

trabalho. Caso contrário, foi muito bem empregado. (*Sai.*)

# Cena II

*Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Falstaff e Pistola.*

FALSTAFF — Não te emprestarei um só vintém.

PISTOLA — Então o mundo vai servir-me de ostra, que com a espada eu abro. Pagaria tudo, depois, em gêneros.

FALSTAFF — Não; nem um vintém. Permiti, senhor, que penhorásseis meu crédito; incomodei por três vezes meus amigos, para obter sus pensão da pena em que havíeis incorrido com vosso companheiro de trela, Nym, sem o que ambos teríeis ficado a olhar pela grade, como um par de bugios. Já estou condenado ao inferno, por ter jurado a uns gentis-homens, amigos meus, que éreis bons soldados e rapazes de valor, e quando a senhora Bridget perdeu o cabo da ventarola, dei minha palavra de honra em como não estava em teu poder.

PISTOLA — Não pesco nada, então? Nem quinze pences?

FALSTAFF — E com razão, velhaco. Pensas, então, que eu vou arriscar gratuitamente a alma? Em resumo: deixai de andar pendurado em minha pessoa. Não sou forca. Ide-vos logo! Uma faca curta e ajuntamento de gente é só o que vos importa. Ide para o vosso castelo de Pichthatch! Não podeis entregar uma carta de minha parte, não é assim? E contra vossa dignidade, não? Baixeza ilimitada, é o que deveríeis ter dito, quando é certo que eu faço impossíveis para não ultrapassar o limite da dignidade. Sim, eu, eu mesmo, deixando na mão esquerda o temor de Deus e escondendo a honra na necessidade, consinto em tergiversar, em rondar sebes, em lançar mão de expedientes, ao passo que vós, malandro, quereis pôr esses trapos, esse olhar de gato do mato, vossas frases de cervejaria sob o amparo de vossa dignidade?

PISTOLA — Arrependido estou. Que mais puderas exigir de um mortal?

(*Entra Robim.*)

ROBIM — Senhor, aí está uma mulher que deseja falar-vos.

FALSTAFF — Manda-a entrar.

(*Entra a senhora Quickly.*)

QUICKLY — Bom dia para Vossa Senhoria.

FALSTAFF — Bom dia, boa senhora.

QUICKLY — Senhora, não; se não for do desagrado de Vossa Senhoria.

FALSTAFF — Nesse caso, senhorita.

QUICKLY — Que o sou, jurar podia, como o era minha mãe, tendo eu um dia.

FALSTAFF — Acredito no juramento. Que quereis a meu respeito?

QUICKLY — Poderia dizer-vos uma palavrinha, ou duas?

FALSTAFF — Até duas mil, mulher encantadora; concedo-vos atenção.

QUICKLY — Há uma certa senhora Ford, senhor... Por obséquio, vinde para mais perto... Eu própria moro com o doutor Caius.

FALSTAFF — Muito bem. Prossegui. A senhora Ford, íeis dizendo...

QUICKLY — Vossa Senhoria tem razão. Pediria a Vossa Senhoria que se chegasse mais um pouco para este lado.

FALSTAFF — Posso assegurar-te que ninguém nos ouve. São meus empregados, são meus empregados.

QUICKLY — Ah! Sim? Que Deus os abençoe e faça deles seus servidores.

FALSTAFF — Muito bem. A senhora Ford... Que há a respeito dela?

QUICKLY — Pois não, senhor; é uma boa criatura. Ó senhor! senhor! Vossa Senhoria é um sedutor de marca! O céu que vos perdoe e a todos nós, é só o que peço.

FALSTAFF — A senhora Ford... Vamos! A senhora Ford!

QUICKLY — Que seja! O comprido e o curto da questão é que a pusestes em tamanha entaladela, que é de pasmar a gente. O mais alinhado cortesão, no tempo em que a corte esteve aqui em Windsor, não a teria posto numa entaladela assim. E note-se: tivemos cavaleiros, nobres e gentis-homens, com suas carruagens, posso assegurar-vos, carruagens sobre carruagens, cartas sobre cartas, presentes sobre presentes, e com cheiro tão agradável — era só almíscar — e embrulhados em seda e ouro, posso asseverar-vos, que até estalavam, e em termos tão aligantes, e com vinhos e açucares das melhores marcas, que teriam conquistado o

coração a qualquer mulher. Mas posso assegurar-vos que eles nunca puderam obter dela um olhar sequer. Ainda hoje pela manhã ganhei vinte anjos; Mas desafio todos os anjos, anjos dessa qualidade, como se diz, quando não são ganhos honestamente. E posso assegurar-vos que nem os mais importantes conseguiram beber com ela no mesmo copo. No entanto entre eles havia barões e até mesmo pensionários. Mas posso assegurar-vos que para ela tudo era a mesma coisa.

FALSTAFF — Mas que disse ela de mim? Sede breve, senhora Mercúrio.

QUICKLY — Ora, recebeu vossa carta, e vos envia mil agradecimentos, mandando-vos notificar que o marido dela estará ausente de casa entre dez e onze horas.

FALSTAFF — Entre dez e onze horas?

QUICKLY — Certo. Nesse intervalo podereis ir ver o retrato que já conheceis; mestre Ford, o marido dela, não estará em casa. Ah! Aquela coitada leva com ele uma vida muito dura; é ciumento em excesso; ela leva com ele uma vida miserável. Coitadinha!

FALSTAFF — Dez e onze! Mulher, recomenda-me a ela. Não faltarei.

QUICKLY — Está bem. Mas ainda tenho outro recado para Vossa Senhoria: a senhora Page também se recomenda de coração a Vossa Senhoria. E permiti que vos diga ao ouvido: ela é fartuosa como o pode ser uma mulher civil e honesta, uma mulher, posso asseverar-vos, que nem de manhã nem de tarde deixa de dizer as suas orações, tão bem como qualquer mulher de Windsor, seja ela quem for. Pediu-me que dissesse a Vossa Senhoria que o marido dela raramente para fora de casa, mas que ela espera que não há de faltar ocasião. Nunca vi uma mulher tão obcecada por alguém. Só parece que tendes feitiço, não? É pura verdade.

FALSTAFF — Não, posso asseverar-te. Se abstrairmos a atração de minhas boas qualidades, não disponho de nenhum feitiço.

QUICKLY — Que o céu vos abençoe.

FALSTAFF — Mas dize-me uma coisa, por obséquio: a mulher de Ford e a de Page em conversa entre si, contaram que estão apaixonadas por mim?

QUICKLY — Teria graça! Elas não são tão simples a esse ponto. Seria uma brincadeira de mau gosto. A senhora Page manda pedir-vos, por tudo que vos for de mais caro, que lhe envieis o vosso pajenzinho. O marido dela dedica enorme afeição a esse pajenzinho. E em verdade, mestre

Page é um homem muito sério. Não há mulher em Windsor que leve melhor vida do que a dele: faz o que quer, diz o que quer, recebe tudo, paga tudo, deita-se quando lhe apetece, levanta-se quando lhe dá vontade, tudo, tudo de acordo com a vontade dela. E realmente, ela o merece; porque se há em Windsor mulher boa, é ela. Tereis de enviar-lhe vosso pajem; não há remédio.

FALSTAFF — Pois não; enviá-lo-ei.

QUICKLY — Enviai-o, então. E, ora vede, ele poderá levar e trazer recados; mas, pelo sim pelo não, será conveniente usardes alguma palavra cifrada, para que possais conhecer mutuamente vossos pensamentos, sem que o rapaz compreenda o de que se trata, pois não será bom ficarem as crianças sabendo qualquer maldade. As pessoas mais velhas, como o sabeis, são mais discretas, e, como se diz, conhecem o mundo.

FALSTAFF — Passa bem. Recomenda-me a ambas. — Pequeno, vai com esta mulher. (*Saem a senhora Quickly e Robim.*) Essas notícias me deixaram confuso.

PISTOLA — Esta bisca decerto é mensageira do deus Cupido. Afrouxai mais as velas! No rasto dela! Acima os anteparos! Fogo! Se não for minha, ao mar com todos!

FALSTAFF — Pensas desse modo, velho Jack? Continua no mesmo caminho. Daqui por diante passarei a ter em melhor conta o teu velho corpo. Elas ainda olham para o teu lado? Depois de haveres gasto tanto, ainda queres ganhar alguma coisa? Obrigado, meu belo corpo; pouco importa que te chamem de grandalhão; uma vez que ainda agradas, é quanto basta.

(*Entra Bardolfo com um copo de xerez.*)

BARDOLFO — Sir John, está lá em baixo um tal mestre Fontes que deseja falar-vos e travar relações convosco. Para isso, enviou a Vossa Senhora um pingo matinal de xerez.

FALSTAFF — O nome dele é Fontes?

BARDOLFO — Perfeitamente, senhor.

FALSTAFF — Faze-o entrar. (*Sai Bardolfo.*) São sempre bem recebidas as fontes de onde jorra licor desta espécie. Ah! Ah! Senhora Ford e senhora Page, apanhei-vos, não? Via!

(*Volta Bardolfo com Ford, disfarçado.*)

FORD — Deus vos abençoe, senhor.

FALSTAFF — E a vós também, senhor. Quereis falar-me?

FORD — É muita ousadia de minha parte; vim procurar-vos sem grandes cerimônias.

FALSTAFF — Sois muito bem-vindo. Que vos traz aqui? — Deixa-nos, rapaz.

(*Sai Bardolfo.*)

FORD — Senhor, eu sou um gentil-homem que já gastei muito dinheiro. Chamo-me Fontes.

FALSTAFF — Excelente mestre Fontes, desejo travar mais íntimo conhecimento convosco.

FORD — Meu bom sir John, eu é que desejo sinceramente travar conhecimento convosco, pois devo dizer-vos que me considero em muito melhores condições para emprestar dinheiro do que vós. Foi isso que me animou a vir importunar-vos, porque, como se diz: quando o dinheiro vai na frente, todos os caminhos se abrem.

FALSTAFF — O dinheiro, senhor, é um bom soldado; avança sempre.

FORD — É certo. Agora mesmo tenho um saco de moedas que me causa certo embaraço. Se quiserdes, sir John, ajudar-me a carregá-lo, podeis ficar com todas, ou com metade, a fim de me aliviardes desse peso.

FALSTAFF — Senhor, ignoro o motivo de tornar-me vosso carregador.

FORD — Vou dizer-vos, senhor, se me quiserdes ouvir.

FALSTAFF — Falai, meu bom mestre Fontes; ficarei satisfeito por vos prestar algum serviço.

FORD — Senhor, ouvi dizer que sois uma pessoa inteligente. Serei breve convosco, por serdes pessoa que eu conheço de longa data, conquanto nunca tivesse tido a feliz oportunidade que tanto desejava de tornar-me vosso conhecido. Vou revelar-vos um segredo que deixará patente minha grande fragilidade. Mas, meu caro sir John, ao lançardes um dos olhos para as minhas loucuras, quando eu vo-las houver patenteado, volvei o outro para o registro das vossas, para que mais facilmente eu possa receber censuras, uma vez que vós próprio sabeis como é fácil incidir em semelhantes erros

FALSTAFF — Muito bem, senhor; continuai.

FORD — Há uma senhora nesta cidade, cujo marido se chama Ford.

FALSTAFF — Muito bem, senhor.

FORD — Há muito que lhe dedico amor, podendo asseverar-vos que despendi muito dinheiro com ela; segui-a com a mais delicada

atenção, multipliquei as oportunidades de nos encontrarmos, pagando as menores ocasiões, que se me apresentassem, de vê-la, embora só de passagem; não somente comprei muitos presentes para oferecer-lhe, como despendi à larga com muitas pessoas, só para vir a saber o que ela poderia desejar. Em suma: persegui-a como o amor me perseguia, isto é, com as asas de todas as ocasiões. Mas, por maior que fosse o meu mérito, tanto no que diz respeito aos meus sentimentos como aos meios aplicados por mim, recompensa, tenho certeza, não recebi nenhuma, a menos que a experiência seja uma jóia que me houvesse custado preço elevadíssimo, e me houvesse ensinado a dizer que tal como sombra, o amor corre de quem o segue: foge, se o perseguis; se fugis, vos persegue.

FALSTAFF — Nunca recebeste da parte dela nenhuma promessa animadora?

FORD — Nenhuma.

FALSTAFF — Nunca fostes insistente em vossas pretensões?

FORD — Nunca.

FALSTAFF — De que espécie, então, era vosso amor?

FORD — Era uma bela casa construída em terreno alheio, vindo eu a perder o meu edifício, por me haver enganado quanto ao local.

FALSTAFF — E com que finalidade me revelais isso tudo?

FORD — Quando eu vos tiver contado isso, terei revelado tudo. Já houve quem me dissesse que embora ela se comporte honestamente com relação à minha pessoa, em relação a outras de tal modo ela expande o seu gênio folgazão, que dá nascimento a comentários maldosos. E agora, sir John, aqui tendes o coração do meu pensamento: sois um gentil-homem de excelente educação, de admirável discurso, de grande poder de insinuação, de influência notória, já por vossa posição, já por vossa pessoa, e sumamente estimado por vossos méritos variados, de guerreiro, cortesão e de pessoa de conhecimentos profundos...

FALSTAFF — Oh, senhor!

FORD — Sim, podeis ter a certeza disso, porque sabeis que é assim mesmo. Aqui vos entrego dinheiro. Gastai-o; gastai mais ainda; gastai tudo o que possuo. Em troca, só vos peço um pouco do vosso tempo, o necessário para estabelecermos um cerco amoroso à honestidade da mulher desse Ford. Aplicai vossa arte de sedução, forçai-a a ceder a vossas instâncias. Se

há quem possa conseguir tal coisa, sois vós, antes de qualquer outra pessoa.

FALSTAFF — Conviria à veemência de vossa paixão, que eu viesse a alcançar o que desejaríeis conquistar? Quer me parecer que prescreveis a vós próprio um remédio despropositado.

FORD — Oh! Compreendei bem o meu plano. Ela se acastela com tanta segurança na excelência de sua honestidade, que a tolice do meu coração não se atreve a apresentar-se diante dela: ela brilha por demais, para que possa ser fitada. Mas se eu pudesse chegar até ela com alguma prova em mãos, teriam os meus desejos exemplo e argumento para se recomendarem; eu poderia, então, deslocá-la da fortaleza de sua honestidade, de sua reputação, de seu juramento de casada e de mil outras defesas que por enquanto se acham demasiadamente armadas contra mim. Que dizeis a isso, sir John?

FALSTAFF — Em primeiro lugar, mestre Fontes, tomarei a liberdade de receber esse dinheiro; depois, apertarei vossa mão, e por último vos declaro que, tão certo como eu ser um gentil-homem, podereis, se o quiserdes, chegar a possuir a mulher de Ford.

FORD — Oh, meu digno senhor!

FALSTAFF — Afirmo que a possuireis.

FORD — Dinheiro, sir John, não vos há de faltar; não vos há de faltar.

FALSTAFF — Nem a vós, mestre Fontes, há de faltar a mulher de Ford, não vos há de faltar. Vou ter uma entrevista com ela — digo-vos isso aqui muito em particular — por indicação dela própria. Justamente no momento em que chegastes, acabava de sair daqui sua auxiliar, ou alcoviteira. Mandei dizer-lhe que iria à casa dela entre as dez e as onze horas, que é a hora, justamente, em que se acha fora aquele biltre, o ciumento do marido. Voltai aqui à tarde, que vos direi o que consegui.

FORD — Vosso conhecimento é para mim verdadeira benção. Conheceis esse Ford, senhor?

FALSTAFF — Esse pobre idiota que se enforque! Cabrão de uma figa! Não o conheço. Aliás, chamando-lhe pobre, faço-lhe uma injustiça, por que dizem que esse cornudo ciumento possui montes de dinheiro, o que é uma das razões de parecer-me sua mulher muito bem apessoada. Para mim, ela vai servir de chave para abrir o cofre desse idiota cornudo.

FORD — Lamento, senhor, que não conheçais Ford, para poderdes evitá-lo, no caso de virdes a vos encontrar com ele.

FALSTAFF — Esse vendedor de manteiga salgada que se enforque! Tipo à-toa! Vou encará-lo, a ponto de fazê-lo perder a tramontana; infundir-lhe o respeito com a minha cachamorra, pendurar-me em seus cornos de cabrão, como verdadeiro meteoro. Sim, mestre Fontes, vais ver como eu domino aquele rústico; ainda virás a deitar-te com a mulher dele. Vem falar comigo à noitinha. Ford é um bisbórria, título esse que eu vou deixar mais caracterizado ainda. Podes ter a certeza, mestre Fontes, de que o ficarás conhecendo pelo que é mesmo: biltre e cornudo. (*Sai.*)

FORD — Que epicúrico amaldiçoado é este miserável! Sinto o coração partir-se-me de impaciência. E ainda haverá quem me venha dizer que o meu ciúme é intempestivo? Minha mulher lhe mandou recado; a hora está marcada; é negócio feito. Alguém poderia pensar em semelhante coisa? Vede que inferno é possuir uma mulher falsa. Vou ficar com o leito poluído, os cofres saqueados, a reputação estraçalhada. E não somente terei de suportar todos esses ultrajes, como ainda serei forçado a ouvir os mais abomináveis qualificativos, da boca, justamente, de quem me lança todo esse opróbrio. Que qualificativos? Que nomes? Amaimom soa bem; Lúcifer, bem; Barbason, bem. No entanto são qualificativos do diabo, nomes do demônio. Mas cornudo, cabrão, chifrudo! Nem o próprio diabo

tem esses nomes. Page é um asno, um asno sossegado; confia na mulher, não sente ciúmes. Eu preferira entregar toda minha manteiga a um holandês, meu queijo ao pastor Hugo, o galense, minha garrafa de aguardente a qualquer irlandês, ou o meu cavalo castrado a um ladrão, para dar um passeio nele, a deixar minha mulher com ela própria. Ela enreda, rumina e trama; o que as mulheres resolvem no coração tem de ser levado a cabo; ainda que se lhes parta o coração, têm de ir até ao fim. Louvado seja Deus por causa do meu ciúme. Onze horas é a hora combinada. Vou impedir isso, surpreender em flagrante minha mulher, vingar-me de Falstaff e zombar de Page. Não perderei tempo. É melhor chegar três horas mais cedo do que atrasado de um minuto. Sim, senhor! Sim, senhor! Cabrão! Cabrão! Cabrão! (*Sai.*)

# Cena III

*Um campo perto de Windsor. Entram Caius e Rugby.*

CAIUS — Jack Rugby!

RUGBY — Senhor?

CAIUS — Que horras som, Jack?

RUGBY — Já passou da hora, senhor, que o reverendo Hugo prometeu vir.

CAIUS — *Pardieu*! Não vindo, salvou a alma. Se não veio, é que rezou bastante em sua Bíblia. *Pardieu*, Jack Rugby, se ele tivesse vindo, já estarria morto.

RUGBY — Ele é sabido, senhor; compreendeu que, se viesse, Vossa Senhoria o haveria de matar.

CAIUS — *Pardieu*! Um arrenque salgado não está mais morto do que ele vai ficar. Segurrai em vossa espada, Jack; querro mostrar-vos como pretendo matá-lo.

RUGBY — Oh, senhor! Mas eu não conheço esgrima!

CAIUS — Vamos, marroto! Segurrai a espada!

RUGBY — Um momento! Vem chegando gente.

(*Entram o estalajadeiro, Shallow, Slender e Page.*)

ESTALAJADEIRO — Deus te abençoe, doutor mata-sete.

SHALLOW — Deus vos proteja, mestre doutor Caius.

PAGE — Como vamos, bom mestre doutor?

SLENDER — Bom dia, senhor.

CAIUS — Pourquoi tanta gente aqui? *Un, deus, trois, quatre...*

ESTALAJADEIRO — Viemos ver como te bates, como dás um bote, como te pões de guarda, como ficas aqui, como ficas ali... Viemos ver teu golpe de ponta, tua estocada, teus reversos, tua distância, teu montante. Ele já morreu, meu etiópico? Ele já morreu, meu Francisco? Então, mata-sete? Que diz o meu Esculápio? o meu Galeno? meu coração de subugueiro? Ah! Já morreu, bobo grande?

CAIUS — *Pardieu*! Esse Jack é o padre mais poltron do mundo; não mostrou nem o rosto.

ESTALAJADEIRO — És um rei de Castela, dom Urinal! Heitor da Grécia, rapaz.

CAIUS — *Je vous prie,* sede testemunhas em como eu esperrei seis ou sete, duas, três horas, e ele não apareceu.

SHALLOW — De vós dois, ele é o mais prudente, mestre doutor; é médico de almas, enquanto vós sois médico do corpo. Se vos tivésseis batido, teríeis deixado vossa vocação de pêlo arrepiado. Não é verdade, mestre Page?

PAGE — Mestre Shallow, já fostes um grande esgrimista, conquanto agora sejais um homem pacífico.

SHALLOW — Pelo corpo de Deus, mestre Page, embora velho e pacífico, E quando vejo uma espada, sinto cócegas nos dedos, só de vontade de apanhá-la. Ainda que sejamos juízes, e doutores e sacerdotes, mestre Page, ainda conservamos algum sal da mocidade. Somos filhos de mulher, mestre Page.

PAGE — É verdade, mestre Shallow.

SHALLOW — Sem dúvida, mestre Page. Mestre doutor Caius, estou aqui para levar-vos para casa. Fiz juramento para juiz de paz;

comportastes vos como médico sábio, e o reverendo como sábio e paciente membro da igreja. Tereis de ir comigo, mestre doutor.

ESTALAJADEIRO — Perdão, hóspede-juiz; uma palavrinha, senhor mexedor de água.

CAIUS — Mexedor de água? Que quer dizer isso?

ESTALAJADEIRO — Mexedor de água, meu gigante, em nossa língua quer dizer valoroso.

CAIUS — *Pardieu*, nesse caso eu sou tão mexedor de água como os ingleses. Cachorro miserável aquele padre à-toa! *Pardieu*! Vou cortar-lhe as orrelhas.

ESTALAJADEIRO — Ele acaba mas é te macetando a cabeça, meu gigante.

CAIUS — Macetando a cabeça? Que é isso?

ESTALAJADEIRO — Quer dizer que te dará explicações.

CAIUS — *Pardieu*, ides ver como ele me macetarrá mesmo a cabeça. *Pardieu*, é isso mesmo que eu querro.

ESTALAJADEIRO — E eu vou incitá-lo a fazer isso, ou ele há de espernear comigo.

CAIUS — Eu vos agradecer por isso.

ESTALAJADEIRO — Além do mais, trinca-ferros... (*À parte.*) Mas, antes de tudo, mestre hóspede e mestre Page, e vós também, cavaleiro Slender, ide pela cidade a Frogmore.

PAGE — O reverendo Hugo está lá?

ESTALAJADEIRO — Está. Vede em que humor se encontra, que eu e o doutor iremos pelo campo. Está bem?

SHALLOW — Faremos tudo de acordo.

PAGE, SHALLOW e SLENDER — Adeus, meu bom mestre doutor. (*Saem Page, Shallow e Slender.*)

CAIUS — *Pardieu*! Querremos matar o padre; ele quer falar com Ana Page a favor de um macaque.

ESTALAJADEIRO — Mata-o, mas primeiro acalma a paciência; joga água fria em tua cólera. Vamos dar um passeio pelo campo até Frogmore; vou levar-te para junto da senhorita Ana Page; ela está jantando em uma herdade. Lá, poderás fazer-lhe a corte. Tens coragem?

CAIUS — *Pardieu*, agradeço tudo. *Pardieu, je vous aime*; vou arranjar bons fregueses, o conde, o cavaleiro, nobres, gentis-homens. Todos os meus clientes.

ESTALAJADEIRO — Em pagamento, serei teu adversário com relação a Ana Page. Falei bem?

CAIUS — *Pardieu; très bien;* muito bem dito.

ESTALAJADEIRO — Então partamos.

CAIUS — Jack Rugby, vem atrás de mim.

(*Saem.*)

# ATO III
# Cena I

*Campo perto de Frogmore. Entram o reverendo Hugo Evans e Simples.*

EVANS — Por opséquio, meu pom servidor do mestre Slender, de nome amigo Simples, por que caminhos procurastes mestre Caius, que se intitula doutor em medicina?

SIMPLES — Ora, senhor, pelo caminho do parque, por todos os caminhos, pelo caminho da velha Windsor, por todos os caminhos, menos o da cidade.

EVANS — Em tesejo muito feementemente que o procureis também por esse caminho.

SIMPLES — Pois não, senhor. (*Sai.*)

EVANS — Deus apençoe minha alma. Como me sinto cheio de cólera e de tremores de espírito! Ficarei satisfeito se ele me enganou. Como me sinto melancólico! Hei de queprar o urinol dele na sua cabeça de maroto, logo que encontrar

obortunidade para isso. Deus apençoe minha alma. (*Canta.*)

> Nas margens pélas dos regatinhos em
> côrro cantam os passarinhos. Muitos
> canteiros farrei de rossas, todas
> ponitas, todas cheirossas. Nas margens
> pélas... Oh Deus pondoso, sinto
> vontade de chorar!

(*Canta.*)

> ... em corro cantam os passarinhos,
> junto dos rios de Papilônia... todas
> ponitas, todas cheirossas. Nas margens
> pélas...

(*Volta Simples.*)

SIMPLES — Ele vem vindo por este lado, reverendo Hugo.

EVANS — Será pem-vindo. (*Canta.*) — Nas margens pélas dos regatinhos... O céu defenda o direito. Que armas ele traz?

SIMPLES — Não traz armas, senhor. Aí vem meu amo, mestre Shallow, com outro cavaleiro de Frogmore, do lado de lá da cancela, deste lado.

EVANS — Por opséquio, dai-me meu sobretudo, ou melhor fica com ele no praço. (*Lê em um livro. Entram Page, Shallow e Slender.*)

SHALLOW — Então, mestre pastor! Bom dia, meu caro reverendo Hugo. Tirai dos dados o jogador e dos livros o estudioso... Isso sim, é que é milagre.

SLENDER(*à parte*) — Ah, suave Ana Page!

PAGE — Deus vos guarde, reverendo Hugo.

EVANS — E apençoe a todos em sua misericórdia.

SHALLOW — Como! A espada e o livro? Estudais ambos, mestre pastor?

PAGE — E em trajes de rapaz, de gibão e calça, num tempo destes, mais próprio para apanhar resfriado?

EVANS — Tenho rassões e causas para isso.

PAGE — Mestre pastor, viemos para vos prestar um bom serviço.

EVANS — Muito pem; de que se trata?

PAGE — Ali adiante há um respeitável cavalheiro, que, tendo sido ofendido por alguém, se encontra em dificuldades, como nunca vistes, com sua própria gravidade e paciência.

SHALLOW — Já passei dos oitenta anos, mas nunca vi uma pessoa de sua posição, gravidade e

saber que houvesse perdido a esse ponto a compostura.

EVANS — Quem é ele?

PAGE — Penso que o conheceis; é o mestre doutor Caius, o famoso médico francês.

EVANS — Pela baixão do Senhor; preferia que me falassem de um prato de sopa.

PAGE — Por quê?

EVANS — Esse suxeito não conhece nada de Hibócrates nem de Galeno, e não passa de um velhaco, um velhaco tão covarde como poderíeis desejar conhecer.

PAGE (*a Shallow*) — Aposto que é ele que devia bater-se com o doutor.

SLENDER (*à parte*) — Oh suave Ana Page!

SHALLOW — Parece que sim, porque está armado. Separai-os; vem vindo o doutor Caius.

(*Entram o Estalajadeiro, Caius e Rugby*.)

PAGE — Assim não, excelente mestre pastor; guardai a espada.

SHALLOW — Fazei o mesmo, meu bom mestre doutor.

ESTALAJADEIRO — Desarmemo-los e deixemo-los discutir que fiquem com os membros inteiros e estraçalhem apenas o nosso inglês.

CAIUS — Por obséquio, deixai-me parler uma palavra à *l'orreille: pour quoi* não querreis me encontrar?

EVANS (*à parte, a Caius*) — Por opséquio, baciência, baciência, é só o que eu digo.

CAIUS — *Pardieu*, sois *un couard,* um cão de Jack, um macaque de Jean.

EVANS (*à parte, a Caius*) — Por opséquio, não nos tornemos motivo de calhofa para os outros. Desejo vossa amizade e dar-vos qualquer rebaraçon. (*Alto.*) Vou queprar vosso urinol nessa capeça de marroto, por não terdes vindo ao encontro compinado.

CAIUS — *Diable*! Jack Rugby, meu estalajadeiro *de la Jarretière,* eu non o esperrei para matá-lo? Não o esperrei no lugar que *j'avais indiqué?*

EVANS — Tão certo como eu ter alma cristã, ora vede, o lugar compinado foi este. Como testemunha chamo o estalaxadeiro da Xarreteira.

ESTALAJADEIRO — Paz, é o que eu digo, Gália e Vália, gaulês e galês, médico do corpo e médico da alma!

CAIUS — *Ah! C'est très bien!* Excelente.

ESTALAJADEIRO — Paz, é o que eu digo. Escutai o estalajadeiro da Jarreteira. Serei político? Serei sutil? Serei Maquiavel? Terei de perder o meu doutor? Não. É ele quem me dá as poções e as noções. Terei de perder o meu pastor, meu padre, meu reverendo Hugo? Não; é ele quem me dá os provérbios e os não-vérbios. Dai-me essa mão terrestre. Assim! Dai-me essa mão celeste. Assim! Rapazes da arte, enganei a ambos; aprazei-vos para lugares diferentes. Sois ambos de coração forte e ambos estais com a pele intacta. Que tudo termine em xerez queimado. Vamos, deixai as espadas como penhor. Segui-me, homens de paz, acompanhai-me, acompanhai-me!

SHALLOW — Por minha fé, esse estalajadeiro é um pândego! Vinde, cavalheiros. Vinde todos!

SLENDER (*à parte*) — Oh suave Ana Page!

(*Saem Shallow, Slender, Page e o Estalajadeiro.*)

CAIUS — Ah! Ah! *Je conprends!* Zombárron de nós, *n'escepas?* Ah! Ah!

EVANS — Berfeitamente. Riram de nós. Por opséquio, fiquemos amigos e vamos pater a capeça juntos para nos vingarmos desse tinhoso,

desse felhaco, desse suxeito adulador, o estalaxadeiro da Xarreteira.

CAIUS — *Pardieu*, de todo o corraçon. Ele prometeu que me levarria a Ana Page. *Pardieu*! A mim também ele enganou.

EVANS — Berfeitamente. Vou amassar-lhe a capeça. Vinde comigo, por opséquio.

(*Saem.*)

# Cena II

*Uma rua de Windsor. Entram a senhora Page e Robim.*

SENHORA PAGE — Segui na frente, pequeno galante. Estais acostumado a andar sempre atrás das pessoas; mas agora tereis de servir-me de guia. Que preferis: guiar-me os olhos, ou olhar os calcanhares de vosso amo?

ROBIM — Em verdade, prefiro ir na vossa frente, como homem, a acompanhá-lo, como anão.

SENHORA PAGE — Oh! Sois um pequeno adulador. Estou vendo que dareis um bom cortesão.

(*Entra Ford.*)

FORD — Feliz encontro, senhora Page. Para onde ides?

SENHORA PAGE — Vou justamente, senhor, visitar vossa esposa. Está em casa?

FORD — Está, e tão sem fazer nada, que se sente entediada por falta de companhia. Creio que se vossos maridos viessem a morrer, vos casaríeis de novo.

SENHORA PAGE — Nem há dúvida! Com dois novos maridos.

FORD — Onde arranjastes esse bonito catavento?

SENHORA PAGE — Não vos saberei dizer que diabo de nome tem a pessoa de quem meu marido o obteve. Como se chama o cavaleiro vosso amo, garoto?

ROBIM — Sir John Falstaff.

FORD — Sir John Falstaff?

SENHORA PAGE — Isso mesmo. Nunca acerto com o nome dele. Entre ele e meu bom marido há tanta amizade! Mas vossa esposa está realmente em casa?

FORD — Está.

SENHORA PAGE — Com vossa licença, senhor. Ficarei doente, se não a vir.

(*Saem a senhora Page e Robim.*)

FORD — Page terá cabeça? Não terá olhos? Não raciocina? Não há dúvida, está em profundo

letargo; não faz uso dos sentidos. Esse pajem levaria uma carta a vinte milhas de distância com a mesma facilidade com que um canhão acertaria no alvo a duzentos e quarenta passos. Ele próprio favorece a inclinação da mulher, incrementa sua loucura e facilita-lhe a oportunidade. E agora lá vai ela visitar minha mulher, acompanhada do pajem de Falstaff! Não há quem não ouça cantar o vento nesta tempestade. Acompanhada do pajem de Falstaff Que bela conjura! Estão combinadas! Nossas esposas rebeladas vão ser condenadas juntas às penas eternas. Muito bem. Vou surpreendê-los; depois submeterei minha mulher à tortura, arrancarei o falso véu de modéstia da santarrona senhora Page e proclamarei o próprio Page como um Acteão tranqüilo e complacente, estando eu certo de que com esses processos violentos arrancarei aplausos de todos os vizinhos. (*Um relógio bate horas.*) O relógio me dá o sinal, exigindo minha convicção que inicie as investigações. Vou encontrar lá Falstaff. Minha conduta me ensejará mais elogios do que chufas, porque é tão certo como ser firme a terra estar Falstaff lá em casa. Vamos logo.

(*Entram Page, Shallow, Slender, o estalajadeiro, o reverendo Hugo Evans, Caius e Rugby.*)

PAGE, SHALLOW, etc. — Feliz encontro, mestre Ford.

FORD — Realmente, bonito bando. Há festa hoje lá em casa. Estão todos convidados.

SHALLOW — Peço que me desculpeis, mestre Ford, mas não posso aceitar o convite.

SLENDER — Nem eu, senhor; prometemos jantar com a senhorita Ana, e eu não faltaria com a palavra por todo o dinheiro que pudesse contar.

SHALLOW — Estamos tramando o casamento de Ana Page com o meu sobrinho Slender, sendo hoje esperada a resposta.

SLENDER — Conto com vosso consentimento, paizinho Page.

PAGE — Pois não, mestre Slender; estarei convosco em tudo. Mas minha mulher, mestre doutor, está inteiramente do vosso lado.

CAIUS — Oui; Pardieu! E a mademoiselle me ama; minha governante Quickly me asseverou isso mesmo.

ESTALAJADEIRO — E que dizeis do jovem mestre Fenton? Ele salta, dança, tem olhos de moço, escreve versos, fala como em dia de festa, cheira a abril e maio. É ele que vai ganhar! Seus botões o provam. É ele que vai ganhar!

PAGE — Mas não com o meu consentimento, posso asseverar-vos. Esse moço não tem recursos; anda na companhia do príncipe estúrdio e de Poins; é de uma região muito elevada; sabe demais. Não, não há de dar um nó na fortuna com o dedo de minha substância. Se vier a casar-se com minha filha, há de ser sem dote. Meus haveres dependem de meu consentimento, não embocando este para o lado desse pretendente.

FORD — Peço encarecidamente que alguns dos presentes me acompanhem até casa, para jantarmos. Além de boa mesa, prometo-vos ótima diversão: pretendo mostrar-vos um monstro. Mestre doutor, tereis de ir; e vós também, mestre Page, e vós, reverendo Hugo.

SHALLOW — Nesse caso, passai bem; assim, faremos com mais liberdade o pedido em casa de mestre Page.

(*Saem Shallow e Slender.*)

CAIUS — Vai para casa, Rugby; não me demoro.

(*Sai Rugby.*)

ESTALAJADEIRO — Adeus, corações. Vou procurar meu honesto cavaleiro Falstaff, para

bebermos uma garrafa de Canárias. (*Sai o estalajadeiro.*)

FORD (*à parte*) — Antes disso eu beberei com ele uma pipa de vinho. Vou fazê-lo dançar. — Não quereis vir, senhores?

TODOS — Vamos ver o tal monstro.

(*Saem.*)

# Cena III

*Um quarto em casa de Ford. Entram a senhora Ford e a senhora Page.*

SENHORA FORD — Olá, João! Olá, Roberto!

SENHORA PAGE — Depressa! Depressa! O cesto de roupa!

SENHORA FORD — Já está à mão. Olá Robim! Estou chamando!

(*Entram criados com um cesto.*)

SENHORA PAGE — Vinde! Vinde! Vinde!

SENHORA FORD — Colocai-o aqui.

SENHORA PAGE — Ensinai a vossos homens o que eles têm de fazer. Precisamos ser rápidas.

SENHORA FORD — João, Roberto, como já vos disse, ficai atentos na cervejaria vizinha; quando eu vos chamar, vinde com urgência, e sem vacilações e perda de tempo carregai este cesto. Feito isso, levai-o com a maior pressa

possível para o ponto em que estão as lavadeiras, no prado de Datchet, e o esvaziais numa das fossas de lama, junto do Tâmisa.

SENHORA PAGE — Fareis isso direito?

SENHORA FORD — Já lhes disse várias vezes tudo o que será preciso que façam. Já têm todas as indicações. Agora, retirai-vos, e voltai quando eu vos chamar.

(*Saem os criados. Entra Robim.*)

SENHORA FORD — Então, meu falcãozinho? que novidades nos trazes?

ROBIM — Meu amo, Sir John, se acha na porta dos fundos, senhora Ford, e deseja falar-vos.

SENHORA PAGE — E tu, pequeno João-quaresma, tens-nos sido fiel?

ROBIM — Posso jurá-lo. Meu amo não sabe que estais aqui e me ameaçou de pôr-me em liberdade eterna, se eu vos dissesse alguma coisa. Jura que há de me despedir.

SENHORA PAGE — És um bom menino. Tua discrição vai servir-te de alfaiate e confeccionar-te uma calça e um gibão novos. Vou esconder-me.

SENHORA FORD — Isso mesmo. Vai dizer ao teu amo que eu estou sozinha. (*Sai Robim.*) Senhora Page, não vos esqueçais de vossa deixa.

SENHORA PAGE — Fica tranqüila; se eu não representar direito, poderás vaiar-me. (*Sai.*)

SENHORA FORD — E agora, mãos à obra. Vamos dar ocupação a essa umidade perniciosa, a essa imensa abóbora d'água; vamos ensinar-lhe a distinguir um gaio de uma rola.

(*Entra Falstaff.*)

FALSTAFF — "Minha jóia celeste me pertence?" então, posso morrer; já vivi bastante; atingi a meta de minhas ambições. Oh! Que hora abençoada!

SENHORA FORD — Oh, meu caro sir John!

FALSTAFF — Senhora Ford, não sei adular, não sei fazer discursos, senhora Ford. Mas permiti que exprima um voto pecaminoso: desejara que vosso marido estivesse morto. Afirmaria diante do maior Senhor, que faria de ti a minha senhora, a minha Lady.

SENHORA FORD — Eu, vossa Lady, sir John? Oh! Daria uma Lady bem ridícula.

FALSTAFF — A corte da França que me apresente outra igual! Estou vendo como esses

olhos apostam com diamantes; possuís a beleza arcada dos supercílios, que vai muito bem com o penteado à caravela, ou à vela solta, ou com qualquer penteado à moda de Veneza.

SENHORA FORD — Uma simples coifa, Sir John, é o que vai bem com minhas sobrancelhas; nada mais.

FALSTAFF — Pelo Senhor, dizendo isso cometes verdadeira traição à tua pessoa. Darias uma perfeita dama da corte; o modo firme de assentar os pés, quando andas, imprimiria um movimento admirável às anquilosa em semicírculo. Vejo o que vales, se a Fortuna não tivesse sido tua inimiga; a natureza é tua amiga, não poderás negá-lo.

SENHORA FORD — Não; podeis crer-me; não possuo esses predicados.

FALSTAFF — Que foi que me fez ficar apaixonado por ti? Podes ter a certeza de que possuis algo de extraordinário. Vamos; não sei adular, para dizer-te que és isto e aquilo, como tantos desses botões de espinheiro, que falam cheios de esses e parecem mulheres vestidas de homem e cheiram a prateleira de botica na época da colheita dos simples. Isso não posso fazer; mas amo-te; a ti unicamente, que bem o mereces.

SENHORA FORD — Não me enganei, senhor; mas receio que estejais amando a senhora Page.

FALSTAFF — Isso é o mesmo que afirmares que eu gosto de passear para o lado da prisão de Counter-Gate, que me é tão repugnante como as exalações de um fossa de cal.

SENHORA FORD — Bem; que seja. O céu sabe quanto vos amo, o de que algum dia ainda vos convencereis.

FALSTAFF — Conservai sempre essa disposição, que eu farei por merecê-la.

SENHORA FORD — Sim, posso asseverar-vos: sois merecedor; caso contrário, não faria o que faço.

ROBIM (*dentro*) — Senhora Ford! Senhora Ford! A senhora Page está à porta, suando e soprando e com ar espantado! Quer falar-vos com urgência.

FALSTAFF — Não convém que ela me veja; vou esconder-me atrás daquela cortina.

SENHORA FORD — Sim; fazei isso, por obséquio. É uma faladeira incorrigível.

(*Falstaff se esconde.*)

(*Voltam a senhora Page e Robim.*)

SENHORA PAGE — Ó, senhora Ford! Que fizestes? Estais comprometida, estais arruinada, estais perdida para sempre.

SENHORA FORD — Que aconteceu, minha boa senhora Page?

SENHORA PAGE — Minha querida senhora Ford! Com um marido tão honesto como o que tendes, dardes motivo de suspeita!

SENHORA FORD — Que motivo de suspeita?

SENHORA PAGE — Que motivo de suspeita? Ora, envergonhai-vos! Como eu estava iludida a vosso respeito!

SENHORA FORD — Ai de mim! Que aconteceu?

SENHORA PAGE — Vosso marido dirige-se para cá, mulher, acompanhado de todos os oficiais de justiça de Windsor, para prenderem um gentil-homem que dizem estar aqui com vosso consentimento, para abusar de sua ausência. Estais perdida.

SENHORA FORD (*à parte*) — Fala mais alto. — Espero que isso não seja verdade.

SENHORA PAGE — Praza aos céus que não o seja, que não tenhais aqui, realmente, essa pessoa. Mas é certeza estar vosso marido a

caminho de casa com meio Windsor nos calcanhares, para pegarem esse homem. Vim na frente para vos avisar. Se não tiverdes culpa, muito bem; alegro-me com isso. Mas se acaso tiverdes aqui dentro algum amigo, providenciai logo a saída dele. Não fiqueis atarantada; reconquistai os sentidos; defendei vossa reputação, ou dizei um eterno adeus à boa vida que levais.

SENHORA FORD — Que farei? Há aqui, realmente, um cavalheiro, um amigo muito caro, não me afligindo eu tanto pela minha vergonha como pelo perigo que ele corre. Daria mil libras para vê-lo longe daqui.

SENHORA PAGE — Ora! Parai com vossos "Daria isto!" e "Daria aquilo!" Vosso marido está a riscar por aí. Pensai em algum meio de fazer sair esse homem; em casa é que não podereis escondê-lo. Oh! Como me enganara a vosso respeito!... Mas este vosso cesto... Se esse pessoa for de estatura razoável, poderá encolher-se dentro dele; depois, disfarçai o pondo em cima dele alguma roupa usada, como se fôsseis enviá-la para a barrela. Não! Estamos na época da lavagem; dois dos vossos criados poderão levar o cesto para o prado de Datchet.

SENHORA FORD — Ele é muito gordo, para poder entrar aí. Que fazer?

FALSTAFF (*avançando*) — Deixai-me ver! Deixai-me ver! Oh! Deixai-me ver! Sim, entrarei nele! Entrarei nele! Segui o conselho de vossa amiga; entrarei nele!

SENHORA PAGE — Como! Sir John Falstaff? São essas as vossas cartas, cavaleiro?

FALSTAFF — É a ti somente que eu amo. Ajuda-me a sair daqui. Deixa-me entrar no cesto. Nunca hei de...

(*Entra no cesto; elas o cobrem com roupa suja.*)

SENHORA PAGE — Vamos, menino! Ajuda-nos a esconder teu amo. Chamai vossos criados, senhora Ford. Cavaleiro hipócrita!

SENHORA FORD — Olá, João! Roberto! João! (*Sai Robim.*) (*Voltam os criados.*) Levai daqui esta roupa. Depressa! Onde está a vara de carregar o cesto? Que indolência! Levai-o logo à lavadeira, no prado Datchet. Vamos! Depressa!

(*Entram Ford, Page, Caius e o reverendo Hugo Evans.*)

FORD — Entrai, por obséquio. Se as minhas suspeitas forem infundadas, podeis zombar de mim; ficarei como assunto de galhofa para todos vós, o que será muito bem merecido. E então, que é que vai aí dentro? Para onde levais isso?

CRIADOS — Para a lavandaria, senhor.

SENHORA FORD — Ora essa! E que vos importa saber para onde eles vão levá-lo? Seria melhor que fôsseis preparar a água de barrela.

FORD — Água de barrela? Era com água de barrela que eu precisava lavar-me. Água de barrela, sim; isto tudo vai terminar é mesmo em água de barrela; é o que vos posso assegurar, e não demora muito. (*Saem os criados, carregando o cesto.*) Senhores, esta noite eu sonhei; vou contar-vos como foi o sonho. Eis aqui minhas chaves, aqui, aqui. Subi ao meu quarto; revistai-o, procurai, que havereis de encontrar. Posso asseverar-vos que haveremos de desencovar a raposa. Mas primeiro deixai-me tapar esta saída. (*Fecha a porta.*) E agora, fazei-a espirrar do buraco.

PAGE — Meu caro mestre Ford, ficai calmo; assim, prejudicais-vos a vós mesmo.

FORD — É certo, mestre Page. Cavalheiro, subi, que haveis de achar logo uma boa distração. Acompanhai-me, cavalheiro. (*Sai.*)

EVANS — Esse gabricho é muito fantástico; é um xiúme difertido.

CAIUS — *Pardieu*! En France a moda é outra. En France não há gente ciumenta; *on n'est par jaloux.*

PAGE — Sigamo-lo, senhores; vamos ver como vai acabar essa busca.

(*Saem Page, Caius e Evans.*)

SENHORA PAGE — Tudo isso não é duplamente divertido?

SENHORA FORD — Não poderei dizer qual me agrada mais, se a decepção de meu marido ou a de sir John.

SENHORA PAGE — Que susto ele não teria tido, quando vosso marido perguntou quem ia dentro do cesto!

SENHORA FORD — Tenho muito receio de que ele também esteja necessitado de um banho. Nessas condições, será até um benefício jogarem-no na água.

SENHORA PAGE — A forca para esse biltre desonesto! Quisera que todos os de sua laia passassem por iguais apuros.

SENHORA FORD — Creio que meu marido teve notícia de que Falstaff estava aqui; nunca o vi tão enciumado como hoje.

SENHORA PAGE — Vou sondá-lo com jeito. Quanto a Falstaff, não ficará só nesta partida. Sua dissolução não é doença que se possa curar apenas com esta medicina.

SENHORA FORD — Vamos mandar outra vez aquela bruaca tonta, a senhora Quickly, pedir-lhe desculpas, por ter sido atirado na água, e dar-lhe mais algumas esperanças, a fim de lhe ministrarmos novo castigo?

SENHORA PAGE — Sim; façamos isso. Chamemo-lo aqui amanhã às oito horas, para lhe pedirmos desculpas.

(*Voltam Ford, Page, Caius e o reverendo Hugo Evans.*)

FORD — Não pude encontrá-lo. É possível que o biltre se gabasse do que não podia alcançar.

SENHORA PAGE (*à parte, à senhora Ford*) — Ouviste o que ele disse?

SENHORA FORD (*à parte, à senhora Page*) — Sim; silêncio. — Procedestes comigo com muita correção, mestre Ford, não é verdade?

FORD — Decerto.

SENHORA FORD — Que o céu vos deixe melhor do que vossos pensamentos.

FORD — Amém.

SENHORA PAGE — Com isso, só a vós mesmo prejudicais, mestre Ford.

FORD — Pois não. Agüento as conseqüências.

EVANS — Se houfer alguma bessoa na casa e nos guartos e nos gofres e nos armários, que o céu me berdoe os becados no dia de Xuízo.

CAIUS — *Pardieu*! Os meus também. *Il n'y a personne.*

PAGE — Ora, mestre Ford! Não vos sentis envergonhado? Que espírito, que demônio, vos sugeriu semelhante idéia? Eu não queria ter essa vossa doença, nem por toda a riqueza do castelo de Windsor.

FORD — O erro foi meu, mestre Page; sofrerei as conseqüências.

EVANS — Enton sofrei as consegüências de uma consciência má; vossa esbosa é uma senhora tão honesta como se boderia desexar entre cinco mil senhoras e em quinhentas também.

CAIUS — *Pardieu*, vejo que ela é *une honnête femme.*

FORD — Muito bem; prometi-vos um jantar. Vamos dar um passeio pelo parque. Peço-vos que me perdoeis; depois vos direi por que motivo procedi dessa maneira. Vamos, mulher! Vamos, senhora Page; perdoai-me, por obséquio; peço-vos de coração que me perdoeis.

PAGE — Vamos, senhores; entremos. Mas ficai certos de que iremos rir à custa dele. Convido-vos para almoçar amanhã em minha casa; depois, iremos caçar passarinhos; tenho um excelente falcão de mato. Combinado?

FORD — Perfeitamente.

EVANS — Se houfer um, eu serrei na combanhia o númberro dois.

CAIUS — Se houver um ou dois, *je ferai le troisième.*

FORD — Vós também haveis de ir, mestre Page.

EVANS — Eu vos beço, também, não esquecer amanhã aquele biolhento, o estalaxadeiro.

CAIUS — *C'est bon, Pardieu*! De todo o corraçon.

EVANS — Suxeito biolhento! Rir e zompar da xente!

(*Saem.*)

# Cena IV

*Um quarto em cara de Page. Entram Fenton, Ana Page e a senhora Quickly; a senhora Quickly fica à parte.*

FENTON — Teu pai não me dará o consentimento; tenho certeza disso. Assim, querida, não me mandes falar-lhe.

ANA — Que faremos, então?

FENTON — Terás de ser o que és, de fato. Ele há de me objetar que eu sou de berço muito elevado e que minhas despesas tendo deixado doente minha bolsa, procuro um meio de curá-la, apenas com a fortuna dele. Depois, há de interpor entre nós outras barreiras: minhas dissipações de outrora e a espécie de sociedade em que eu vivi um tempo, para concluir ser coisa mais que certa, que eu só te amo por causa de teu dote.

ANA — Sendo possível que ele esteja certo.

FENTON — Não, que me ampare o céu daqui por diante! Embora eu te confesse que a fortuna

de teu pai foi a causa primitiva de eu te fazer a corte, ao declarar-me convenci-me de que eras mais valiosa do que moedas cunhadas e todo o ouro que em sacos bem selados se conserve. Agora almejo apenas o tesouro que no imo da alma encerras.

ANA — Meu querido mestre Fenton, tratai de obter a boa vontade de meu pai; trabalhai nesse sentido, meu senhor. Porém se acaso falharem vossas súplicas humildes e as oportunidades... Bem, ouvi-me.

(*Conversam à parte.*)

(*Entram Shallow e Slender.*)

SHALLOW — Interrompei a conversa deles, senhora Quickly; meu parente falará por si mesmo.

SLENDER — Vou soltar uma flecha ou um dardo. É uma questão de sorte.

SHALLOW — Não te mostres atemorizado.

SLENDER — Não; ela não me atemoriza; não receio isso; mas o ruim é que eu sinto medo.

QUICKLY — Escutai! Mestre Slender quer dizer-vos uma palavrinha.

ANA — Já vou. (*À parte.*) É a escolha de meu pai. Que mundo de vis defeitos são embelezados por uma renda de trezentas libras!

QUICKLY — E como vai passando o mestre Fenton? Uma palavra, por obséquio.

SHALLOW — Lá vem ela. Vai falar-lhe, primo. Ah, rapaz!... Tiveste um pai...

SLENDER — Eu tive um pai, senhorita Ana; meu tio poderá contar-vos boas pilhérias dele. Tio, por obséquio, contai à senhorita Ana aquela brincadeira de meu pai, quando ele roubou dois gansos de um galinheiro. Contai-lhe, meu bom tio.

SHALLOW — Senhorita Ana, meu primo vos tem amor.

SLENDER — É verdade; tanto como a qualquer outra mulher de Glostershire.

SHALLOW — Ele vos sustentará como a uma fidalga.

SLENDER — Ah! Sem dúvida, de qualquer posição, abaixo da de escudeiro.

SHALLOW — Ele vos deixará uma pensão e cento e cinqüenta libras.

ANA — Meu bom mestre Shallow, deixai que ele mesmo se manifeste.

SHALLOW — Com a breca! Muito obrigado; fico-vos muito agradecido por esse encorajamento de vossa parte. Primo, ela vos chama. Vou deixar-vos.

ANA — Então, mestre Slender?

SLENDER — Então, senhorita Ana?

ANA — Qual é a vossa última vontade?

SLENDER — Minha última vontade? Caramba! A brincadeira é espirituosa, realmente. Mas eu ainda não fiz o testamento, graças ao céu. Não sou criatura achacada, graças ao céu.

ANA — O que eu perguntei, mestre Slender, é o que pretendeis de mim?

SLENDER — Em verdade, por minha parte, quero muito pouco de vós, ou quase nada. Vosso pai e meu tio puseram-se a trabalhar... Se for meu destino, bem. Caso contrário, quem tiver mais sorte, que fique com o bocado. Eles é que vos poderão dizer como as coisas vão; melhor poderão dizer como as coisas vão; melhor do que eu. Perguntai a vosso pai. Aí vem ele.

(*Entram Page e a senhora Page.*)

PAGE — Como vai, mestre Slender? Ama-o, filha. Como! Que faz aqui o mestre Fenton? Ofendeis-me, senhor, com tão freqüentes visitas ao meu lar. Como vos disse, minha filha já está comprometida.

FENTON — Não fiqueis, mestre Page, impaciente.

SENHORA PAGE — Bondoso mestre Fenton, por obséquio, deixai de importunar a minha filha.

PAGE — Não é partido que venhais a obter.

FENTON — Senhor, quereis ouvir-me?

PAGE — Não, meu caro mestre Fenton. Sigamos, mestre Shallow. Vinde, Slender, também. Senhor, sabendo meu modo de pensar, magoais-me muito.

(*Saem Page, Shallow e Slender.*)

QUICKLY — Falai com a senhora Page.

FENTON — Minha boa senhora Page, amando como amo vossa filha, com a mais nobre das intenções, forçoso é que, a despeito de todas as barreiras e recusas, o estandarte eu conserve e avance sempre. Ficai, vos peço, do meu lado nisso.

ANA — Ó mãe! Não me caseis com aquele tonto!

SENHORA PAGE — Não é minha intenção. Tenho um marido para vós muito bom em perspectiva.

QUICKLY — É o meu amo, o mestre doutor.

ANA — Deus me livre! Prefiro que me enterrem viva e a golpes de nabo me liquidem.

SENHORA PAGE — Não vos amofineis. Bom mestre Fenton, amiga não serei, nem inimiga. Vou conversar com minha filha sobre o amor que vos dedica. Assim, de acordo com os sentimentos dela heis de encontrar-me. Até então, passai bem; Ana precisa ir para casa; o pai pode zangar-se.

FENTON — Adeus, gentil senhora; adeus, Aninha.

(*Saem a senhora Page e Ana.*)

QUICKLY — Isso já é resultado do meu trabalho. Disse-lhe: “Não; então ireis entregar vossa filha a um imbecil, a um médico? Olhai para o mestre Fenton!” Isso já é resultado do meu trabalho.

FENTON — Fico muito obrigado. Agora, peço-te entregar este anel a Aninha, à noite. Fica com isto pelo teu trabalho.

QUICKLY — O céu te envie uma boa fortuna. (*Sai Fenton.*) Tem um excelente coração. Não há mulher que não se atirasse ao lago e à água por um coração tão amável. No entanto, eu preferira que fosse o meu amo quem viesse a ficar com a senhorita Ana, ou que mestre Slender ficasse com ela, ou mesmo o próprio mestre Fenton. Hei de fazer pelos três o que estiver em mim, porque assim o prometi e quero cumprir minha palavra. Especialmente com relação a mestre Fenton. E agora, preciso levar outro recado a sir John Falstaff, da parte de minhas duas senhoras. Que grande besta eu sou, por me ter esquecido disso! (*Sai.*)

# Cena V

*Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Falstaff e Bardolfo.*

FALSTAFF — Bardolfo! Estou chamando.

BARDOLFO — Aqui, senhor.

FALSTAFF — Vai buscar-me um quartilho de xerez; põe dentro uma torrada. (*Sai Bardolfo.*) Ora, ter vivido, para que me carregassem num cesto e me atirassem no Tâmisa, como restos de açougue! Bem; se eu cair em outra brincadeira como essa, quero que me tirem o cérebro, o fritem em manteiga e o dêem a um cão, como presente de ano novo. Os patifes me atiraram no rio com tanta despreocupação como se fossem afogar quinze cachorrinhos recém-nascidos e ainda sem vista. Se o fundo do rio estivesse na mesma altura do inferno, eu me teria afogado. Sim, teria morrido afogado, se a margem não fosse tão baixa e arenosa. Morte essa que eu abomino, porque a gente estufa na água. E de que jeito eu ficaria, se viesse a estufar? Parecera a múmia de uma montanha.

(*Volta Bardolfo com o xerez.*)

BARDOLFO — Aí está a senhora Quickly, senhor, que deseja falar-vos.

FALSTAFF — Vem; deixa-me deitar um pouco de xerez na água do Tâmisa, pois tenho o ventre tão frio como se houvesse engolido bolas de neve em vez de pílulas, para refrescar os rins. Manda-a entrar.

BARDOLFO — Entrai, mulher.

(*Entra a senhora Quickly.*)

QUICKLY — Com licença. Peço desculpas. Desejo muito bom dia a Vossa Senhoria.

FALSTAFF — Tira daqui estes cálices e traze-me uma boa garrafa de xerez.

BARDOLFO — Com ovos, senhor?

FALSTAFF — Simples; não quero saber de gala na bebida. (*Sai Bardolfo.*) E Então?

QUICKLY — Ah, meu caro senhor! Venho procurar Vossa Senhoria da parte da senhora Ford.

FALSTAFF — Da senhora Ford? Já estou farto desse forte; é forte, mas é em água, que é só o que eu tenho na barriga.

QUICKLY — Oh, que dia! Não foi culpa da coitada! Ela passou uma sarabanda nos criados, por se terem enganado com relação às resoluções dela.

FALSTAFF — Como eu com as minhas, por ter confiado nas promessas de uma tonta.

QUICKLY — Oh, senhor! Ela lamenta o que aconteceu; se a vísseis, ficaríeis comovido. O marido dela vai caçar passarinhos esta manhã. Ela pede que a vades ver hoje, entre as oito e as nove. Terei de levar-lhe a resposta com a maior urgência possível. Ela vos apresentará desculpas, posso asseverar-vos.

FALSTAFF — Bem; irei visitá-la; podes dizer-lhe isso, e pede-lhe que compreenda o que é um homem. Ela que reflita em sua própria fragilidade, para depois julgar do meu merecimento.

QUICKLY — Dir-lhe-ei isso mesmo.

FALSTAFF — Dize-lhe, então. Entre nove e dez horas, não é assim?

QUICKLY — Entre oito e nove, senhor.

FALSTAFF — Bem; podeis ir. Não faltarei.

QUICKLY — Que a paz seja convosco, senhor. (*Sai.*)

FALSTAFF — Admira-me não ter ouvido falar novamente em mestre Fontes; mandou-me recado para que o esperasse. Aprecio bastante o dinheiro dele. Mas, ei-lo que vem chegando!

(*Entra Ford.*)

FORD — Deus vos abençoe, senhor.

FALSTAFF — Então, mestre Fontes? Viestes saber o resultado de minha entrevista com a mulher do Ford?

FORD — É esse, justamente, sir John, o assunto que me traz até aqui.

FALSTAFF — Mestre Fontes, não vos faltarei com a verdade. Estive em casa dela na hora aprazada.

FORD — E como passaste lá?

FALSTAFF — Muito mal, mestre Fontes.

FORD — Como assim, senhor? Acaso ela mudou de resolução?

FALSTAFF — Não, mestre Fontes. Mas o cornudo do marido, mestre Fontes, que se acha em estado de alarma permanente de ciúmes, chegou precisamente no momento de nosso encontro, quando já nos tínhamos abraçado, beijado, jurado amor eterno e declamado, por

assim dizer, o prólogo de nossa comédia. No rasto dele seguia uma malta de gente de seu conhecimento, provocados e instigados por sua cólera — imaginai só! — para vasculharem a casa em busca do amante da mulher.

FORD — Como! Quando vos acháveis lá?

FALSTAFF — Quando me achava lá.

FORD — E ele, deu busca na casa e não vos encontrou?

FALSTAFF — Já vos direi. Por sorte, chegou a tempo uma tal senhora Page, que contou como Ford se dirigia para casa, e por conselho dela e desespero da mulher do Ford me retiraram de lá dentro de um cesto de roupa suja.

FORD — Um cesto de roupa suja!

FALSTAFF — Por Deus, um cesto de roupa. Atulharam-me com camisas sujas, saias, peúgas, meias duvidosas, guardanapos engordurados, o mais rançoso conjunto, mestre Fontes, e de fedor insuportável, que já ofendeu o olfato de qualquer mortal.

FORD — E quanto tempo ficastes dentro desse cesto?

FALSTAFF — Oh! Ireis ouvir, mestre Fontes, quanto sofri por vosso bem, para levar essa

mulher para o mal. Uma vez comprimido no cesto, a mulher do Ford chamou dois biltres, criados do marido, e lhes ordenou que me levassem para o prado de Datchet, como se se tratasse de roupa suja. Mal tinham esses atravessado a porta, com o cesto nos ombros, quando entrou o amo, que lhes perguntou uma ou duas vezes o que levavam dentro do cesto. Eu tremia, de medo que o lunático fosse revistar o cesto. Mas o destino, por querer que ele se torne, realmente, cornudo, deteve-lhe as mãos. Muito bem. Ele entrou, para revistar a casa, enquanto eu saía como roupa suja. Mas ouvi o resto, mestre Fontes. Sofri as dores de três mortes consecutivas: primeiramente, o pavor insuportável de ser apanhado por aquele carneiro de chocalho, podre de ciúmes; depois, ser dobrado em círculo, como uma lâmina de Bilbao, no interior de uma quartilha, o punho junto da ponta, o calcanhar na cabeça; e, por último, ser arrolhado, como qualquer bebida forte, com roupas fedorentas que fermentavam em sua própria gordura. Imaginai só, um homem com os meus rins! Imaginai só! tão sensível ao calor como manteiga, um homem que se acha em estado de permanente de gelo e fermentação! Foi milagre não ter morrido sufocado. E no grau mais elevado desse banho, quando eu já estava meio cozido em gordura, tal qual um prato holandês, ser atirado ao Tâmisa e esfriado como uma

ferradura que estivesse ao rubro! Imaginai só, mestre Fontes! Ao rubro! Imaginai só!

FORD — Com sincero pesar, senhor, sinto terdes sofrido tudo isso pelo intuito de me favorecerdes. Mas vejo que minha causa está perdida. Não voltareis a tomar a peito a questão?

FALSTAFF — Mestre Fontes, primeiro me atirara ao Etna, como me jogaram ao Tâmisa, antes de deixá-la nesse ponto. O marido dessa senhora vai esta manhã caçar passarinhos. Ela me mandou outro recado, para nova entrevista com ela, entre as oito e as nove horas, mestre Fontes.

FORD — Já passa das oito horas, senhor.

FALSTAFF — Já? Então vou preparar-me para a entrevista. Logo que tiverdes tempo, procurai-me para saber da minha vitória, sendo o coroamento do caso virdes a possuir essa pessoa. Adeus. Haveis de possuí-la, mestre Fontes! ainda haveis de pôr cornos nesse tal Ford. (*Sai.*)

FORD — Hum! Ah! Será visão tudo isso? Será sonho? Estarei dormindo? Acorda, mestre Ford! Acorda, mestre Ford! O teu melhor casaco está com um furo, mestre Ford. Casamento dá sempre nisso. Quem tem cestos e roupa suja, passa por tudo isso. Muito bem; eu próprio me incumbirei de proclamar o que sou. Vou pegar esse libertino;

neste momento ele está em minha casa; não poderá escapar; é impossível; não poderá enfiar-se em uma bolsinha de níqueis nem numa caixa de pimenta. Ainda mesmo que o auxilie mais uma vez o demônio que o ampara, hei de rebuscar por tudo quanto for buraco. Conquanto eu não possa escapar de ser o que não desejara, nem por isso me mostrarei complacente. Se tenho cornos que me deixam louco, passarei a justificar o dito: furioso como um animal de chifre. (*Sai.*)

# ATO IV
# Cena I

*Uma rua. Entram a senhora Page, a senhora Quickly e Guilherme.*

SENHORA PAGE — Acreditais que ele ainda esteja em casa de mestre Ford?

QUICKLY — Se ainda não está lá, não deve demorar. Mas ficou fulo de raiva por o terem atirado na água. A senhora Ford deseja que vades já já à casa dela.

SENHORA PAGE — Não me demoro; vou apenas levar à escola este meu homenzinho. Vede, ali vem o professor dele; pelo que vejo, hoje é feriado. (*Entra o reverendo Hugo Evans.*) Então, reverendo Hugo, hoje não há aula?

EVANS — Não; mestre Slender deu bermissão para os meninos se divertirem.

QUICKLY — Oh! Que coração bondoso!

SENHORA PAGE — Reverendo Hugo, meu marido disse que o menino não está aprendendo nada por este livro. Por isso, peço-vos fazer-lhe algumas perguntas pela cartilha dele.

EVANS — Abroxima-te, Guilherme. Vamos; levanta a gabeça.

SENHORA PAGE — Anda logo, maroto. Vamos! Levanta a cabeça!

EVANS — Guilherme, quantos númberos tem o supstantifo?

GUILHERME — Dois.

QUICKLY — Ora essa! Eu sempre pensei que havia mais um, por já ter ouvido falar no número ímpar.

EVANS — Bare com esse falatório. Como é “Ponito” em latim, Guilherme?

GUILHERME — “Pulcher.”

QUICKLY — Pulga? Há muita coisa mais bonita do que pulga.

EVANS — Esta mulher é pastante simblicidade. Silêncio, já disse. Que quer dizer “Lábis”, Guilherme?

GUILHERME — Pedra.

EVANS — E como é “Uma bedra”, Guilherme?

GUILHERME — Um seixo.

EVANS — Non; é “Labis”; guarda pem isso na gabeça.

GUILHERME — “Lápis.”

EVANS — Muito pem, Guilherme. E agora, Guilherme, de onde se tiram os artigos?

GUILHERME — Os artigos são derivados do pronome e se declinam por este modo: *singulariter* nominativo: hic, haec, hoc.

EVANS — Nominativo hig, hag, hog, bresta atençon; genitivo, hujus. Muito pem. E como é o caso agusativo?

GUILHERME — Acusativo, hinc.

EVANS — Olha lá, pequeno! Toma guidado. Agusativo hung, hang, hog.

QUICKLY — Hang hog deve ser língua de porco, posso assegurar-vos.

EVANS — Bare com esse balavrório, mulher. Qual é o caso focativo, Guilherme?

GUILHERME — Ó! Vocativo, Ó!

EVANS — Lempra-te pem, Guilherme, Focativo, caret

QUICKLY — É isso mesmo; está tudo muito caro.

EVANS — Ó mulher falateira! Silêncio!

SENHORA PAGE — Paz!

EVANS — Qual é o vosso caso genitifo plural, Guilherme?

GUILHERME — O caso genitivo?

EVANS — Sim.

GUILHERME — Genitivo horum, harum, horum.

QUICKLY — Se a Jeni Diva fez isso, menino, se roubou mesmo um arco de ouro, será bom não conversares com ela.

EVANS — Ó mulher! Crie xuízo!

QUICKLY — Fazeis mal em ensinar essas coisas ao menino, mandando que ele risque e enrosque por aí tudo, o que as crianças já fazem sem serem mandadas, e que falar com a tal Jeni Diva. Ora, senhor!

EVANS — Ó mulher! Serás acaso lunática? Não tens inteligência bara compreender os gasos

e os números e os gêneros? És a mais louca griatura gristã que eu poderia desexar.

SENHORA PAGE — Fica quieta, por obséquio.

EVANS — E agora, Guilherme, dize a deglinaçon dos pronomes.

GUILHERME — Em verdade, não me lembro.

EVANS — É *qui, quae, quod.* Se esquecerdes vossos *Quis,* vossos *Quaes* e vossos *quods,* levareis umas jibatadas. Gontinuai vosso gaminho e ide princar.

SENHORA PAGE — Ele sabe mais coisas do que eu podia imaginar.

EVANS — Tem uma memória muito poa. Passai pem, senhora Page.

SENHORA PAGE — Adeus, meu bom reverendo Hugo. (*Sai o reverendo Hugo.*) Vai para casa, pequeno. Vamos indo, já perdemos muito tempo.

(*Saem.*)

# Cena II

*Um quarto em casa de Ford. Entram Falstaff e a senhora Ford.*

FALSTAFF — Senhora Ford, vossa tristeza devorou meu sofrimento. Vejo que sois obsequiosa em vosso amor, e vos prometo retribuí-lo sem a diferença mínima de um fio de cabelo, e isso, senhora Ford, não somente no simples ofício do amor, mas em todos os seus ornamentos, complementos e cerimônias. Mas tendes certeza, mesmo, de que vosso marido ficará hoje fora de casa?

SENHORA FORD — Ele foi caçar passarinhos, meu caro Sir John.

SENHORA PAGE (*dentro*) — Olá, comadre Ford! Olá!

SENHORA FORD — Entrai para este quarto, sir John.

(*Sai Falstaff Entra a senhora Page*.)

SENHORA PAGE — Então, meu coração? Quem se acha aqui, além de vós?

SENHORA FORD — Ora, afora os criados, ninguém.

SENHORA PAGE — É verdade?

SENHORA FORD — Verdade. (*À parte.*) Fala mais alto.

SENHORA PAGE — Pois sinceramente, alegra-me saber que não há nenhuma pessoa estranha em vossa casa.

SENHORA FORD — Por quê?

SENHORA PAGE — Ora, mulher, vosso marido está outra vez com as suas luas velhas: discute com o meu marido, injuria todas as pessoas casadas, amaldiçoa todas as filhas de Eva, de qualquer cor que elas sejam, e aplica na própria testa tamanhos socos, gritando: Aparecei logo! Aparecei logo! com tanta violência, que os casos de loucura que eu já vi não passam de brandura, civilidade e paciência junto do destempero em que ele se encontra. Alegro-me por não estar aqui o cavaleiro gordo.

SENHORA FORD — Como! É a respeito do cavaleiro que ele fala?

SENHORA PAGE — De ninguém mais, senão dele somente, jurando que ele foi retirado daqui dentro de um cesto, quando ele deu busca na casa. Assevera a meu marido que neste momento ele se encontra de novo aqui, tendo-o demovido, e aos demais companheiros, da idéia da caçada, para virem fazer outra experiência com relação às suas suspeitas. Assim sendo, fico satisfeita por não estar aqui o cavaleiro gordo, pois desse modo ele se convencerá de sua própria loucura.

SENHORA FORD — E ele já vem perto, senhora Page?

SENHORA PAGE — Encontra-se a dois passos, ali no fim da rua; não demora, chegará aqui.

SENHORA FORD — Nesse caso, estou perdida! O cavaleiro está aqui.

SENHORA PAGE — Nesse caso, estais desonrada de todo e ele não passa de um homem morto. Que mulher sois! Mandai-o embora! Mandai-o embora! É preferível a vergonha ao crime.

SENHORA FORD — Mandá-lo embora por onde? De que modo disfarçá-lo? Pô-lo-ei novamente dentro do cesto?

(*Volta Falstaff.*)

FALSTAFF — Não; não entrarei outra vez no cesto. Não me seria possível sair antes da chegada dele?

SENHORA PAGE — Ah! Estão de guarda na porta três irmãos de mestre Ford, armados de pistola, para que ninguém possa sair. Não fora isso, poderíeis sair antes da vinda dele. Mas, que fazeis aqui?

FALSTAFF — Que fazer? Vou enfiar-me no cano da chaminé.

SENHORA FORD — Não; é aí que eles costumam descarregar as espingardas de caça.

SENHORA PAGE — Entrai na boca do forno.

FALSTAFF — Onde fica o forno?

SENHORA FORD — Não; ele há de procurar ali também, tenho certeza. Não há armário, cofre, mala, prateleira, fonte, celeiro, de que ele não conserve de memória a lista, para revistá-los por ordem. Aqui em casa não há lugar em que seja possível esconder-vos.

FALSTAFF — Nesse caso, terei de sair.

SENHORA PAGE — Se sairdes com vossa aparência natural, sir John, sereis um homem morto. A menos que vos disfarçásseis...

SENHORA FORD — De que jeito?

SENHORA PAGE — Ai de mim! Não sei dizê-lo. Não temos nenhum vestido que lhe sirva; senão, ele poderia pôr um chapéu, a mantilha e um lenço, para, desse jeito, escapar.

FALSTAFF — Meus corações, inventai qualquer recurso. Tudo, menos uma desgraça.

SENHORA FORD — A tia da minha empregada, aquela mulher gorda de Brainford, deixou lá em cima um vestido.

SENHORA PAGE — Sob minha palavra, servirá nele; ela é tão gorda quanto ele... Deixou também o chapéu grosso de lã e a mantilha. Ide lá para cima, sir John.

SENHORA FORD — Ide, ide, meu caro sir John! A senhora Page e eu vos arranjaremos algum pano para a cabeça.

SENHORA PAGE — Depressa! Depressa! Subiremos neste momento, para vos prepararmos. Enquanto isso, ide pondo o vestido.

(*Sai Falstaff.*)

SENHORA FORD — Quisera que meu marido o achasse sob esse disfarce; ele não suporta a velha de Brainford; está convencido de que é

feiticeira, tendo-a proibido de entrar aqui, sob ameaça de bater-lhe.

SENHORA PAGE — Que o céu o ponha ao alcance do cacete de teu marido e o diabo dirija depois as marretadas.

SENHORA FORD — Mas meu marido vem mesmo para casa?

SENHORA PAGE — Vem; estou falando sério. E mais: refere-se ao cesto, de que ele veio a saber não sei por que maneira.

SENHORA FORD — É o que ficaremos sabendo dentro de pouco. Vou dizer aos criados que carreguem novamente o cesto, para cruzarem com ele, na porta, como da outra vez.

SENHORA PAGE — Certo. Mas ele está a chegar. Vamos logo vestir o cavaleiro com a roupa da bruxa de Brainford.

SENHORA FORD — Antes disso vou instruir os criados acerca do que terão de fazer com o cesto. Vai para cima, que eu já levo o pano para o cavaleiro. (*Sai.*)

SENHORA PAGE — A forca para esse tipo desonesto. Nunca será excessivo o que fizermos com ele. Ao mundo vai mostrar nossa conduta que temos gênio alegre e honra impoluta. Não há

mal em brincar. Diz o ditado: o porco que mais come é o mais calado.

(*Sai. Volta a senhora Ford, com dois criados.*)

SENHORA FORD — Vamos, senhores; ponde o cesto no ombro. O patrão está a chegar; se ele vos mandar descer o cesto obedecei-lhe. Depressa! Despachai-vos! (*Sai.*)

PRIMEIRO CRIADO — Vamos logo; pega desse lado.

SEGUNDO CRIADO — Praza ao céu que não esteja outra vez cheio do cavaleiro.

PRIMEIRO CRIADO — Espero que não; preferira carregar chumbo.

(*Entram Ford, Page, Shallow, Caius e o reverendo Hugo Evans.*)

FORD — Sim, mas se ficar provado, mestre Page, de que modo vos justificareis por me terdes chamado de louco? — Ponde esse cesto aí no chão, velhacos! Vá alguém chamar minha mulher. — Jovem do cesto! Ó velhacos condescendentes! Há uma conjura, um bando, uma quadrilha, uma conspiração contra mim. Mas agora o diabo vai ficar confundido. Estou chamando! Vinde logo! Vinde ver que roupas honestas mandais para a lavadeira!

PAGE — Mestre Ford, a brincadeira já está passando dos limites. Não deveríeis continuar solto; será preciso que vos amarremos.

EVANS — Ora, lougura é assim mesmo; ele está tão lougo como cachorro lougo.

SHALLOW — Realmente, mestre Ford, não fica bem. Realmente.

FORD — É também o que eu digo, senhor. (*Volta a senhora Ford.*) Vinde cá, senhora Ford, mulher honesta, esposa modesta, criatura virtuosa, que tem por marido um louco ciumento. Minhas suspeitas são infundadas, não é assim, minha senhora?

SENHORA FORD — Tomo o céu como testemunha em como é assim, no caso de suspeitardes de alguma desonestidade de minha parte.

FORD — Muito bem, sua cara deslavada. Prossegui. Vinde para fora, velhaco! (*Tira algumas peças de dentro do cesto.*)

PAGE — Isso é demais!

SENHORA FORD — Não vos envergonhais? Deixai essas roupas.

FORD — Vou apanhar-te neste momento.

EVANS — Isso é fora de brobósito; querreis expor a roupa de vossa esposa? Deixai disso!

FORD — Esvaziai o cesto, estou mandando!

SENHORA FORD — Por quê, homem? Por quê?

FORD — Mestre Page, tão certo como eu ser um homem honesto, anteontem foi retirado alguém daqui de casa dentro deste cesto. Por que não poderá esse alguém estar de novo aí dentro? Tenho certeza de que essa pessoa se acha aqui em casa; recebi informações seguras. Minhas suspeitas têm fundamento. Vamos; retirai logo toda a roupa!

SENHORA FORD — Se encontrardes aí dentro algum homem, que ele venha a morrer como uma pulga.

PAGE — Não há ninguém aqui dentro.

SHALLOW — Por minha palavra de cavaleiro, isso não fica bem, mestre Ford; isso não vos orna.

EVANS — É breciso, mestre Ford, rezar, sem vos deixardes dominar pelas fantasias do goraçom. Isso é xiúme.

FORD — Bem; confesso que não está dentro do cesto a pessoa que eu procuro.

PAGE — Nem em parte alguma, a não ser em vosso cérebro.

(*Os criados saem com o cesto.*)

FORD — Ajudai-me mais esta vez a revistar a casa. Se não encontrarmos o que eu procuro, podereis carregar nas tintas da censura à minha extravagância, fazendo de mim alvo permanente de vossas assuadas. Que de futuro venham a dizer a meu respeito: "Tão ciumento como Ford que procurava numa noz vazia o amante da mulher". Fazei-me a vontade ainda por esta vez, ajudando-me a revistar a casa.

SENHORA FORD — Olá, senhora Page! Vinde cá para baixo e trazei velha! Meu marido vai entrar nesse quarto.

FORD — Velha! Que velha é essa?

SENHORA FORD — Ora! A tia da minha empregada, a velha de Brainford

FORD — Uma bruxa, uma rameira, uma rameira intrigante é o que ela é. Não a proibi de entrar aqui em casa? Foi portadora de algum recado não é assim? Somos ingênuos; não percebemos o que se faz sob pretexto de tirar a buenadicha; ela opera por meio de feitiços, encantamentos, horóscopos e outras baboseiras que tais, que ultrapassam de muito nosso

horizonte. Não sabemos nada. — Desce, bruxa! Desce, carcaça! Desce logo!

SENHORA FORD — Oh, meu querido maridinho! Caros senhores, não deixeis que ele dê na pobre velha.

(*Entra Falstaff, vestido de mulher, conduzido pela senhora Page.*)

SENHORA PAGE — Por aqui, tia Prat; por aqui. Dai-me a mão.

FORD — "Prato" é isto! Eu já te preparo o prato. (*Batendo em Falstaff*) Fora daqui, megera, cigana, feiticeira, fuinha, monte de banha. Vou conjurar-vos! Vou tirar-vos a sorte.

(*Sai Falstaff*)

SENHORA PAGE — Não vos envergonhais? Penso que matastes a pobre mulher.

SENHORA FORD — É o que ele ainda acabará por fazer; será uma façanha gloriosa.

FORD — Essa bruxa que se enforque.

EVANS — Belo sim e belo non, eu benso que a velha é mesmo pruxa. Não abrecio mulher de barba; por paixo da mantilha eu vi uma barba grande.

FORD — Não quereis vir comigo, cavalheiros? Vinde, por obséquio; vinde ver como terminam minhas suspeitas. Se eu latir sem ter dado na pista certa, não acrediteis, quando eu tornar a abrir a boca.

PAGE — Condescendamos mais uma vez com o capricho dele. Vinde, cavalheiros.

(*Saem Ford, Page, Shallow, Caius e Evans.*)

SENHORA PAGE — Podeis crer-me, ele lhe deu uma tunda de causar piedade.

SENHORA FORD — Não, pela missa! Não foi assim; penso que lhe bateu sem piedade.

SENHORA PAGE — Vou santificar o relho e colocá-lo sobre o altar; realizou um serviço meritório.

SENHORA FORD — Que vos parece? Sem deixarmos de ser mulheres honestas e de consciência limpa, ainda poderemos prosseguir na execução de nossa vingança?

SENHORA PAGE — Certamente o demônio da luxúria já o abandonou. Se ele não se tornou propriedade pura e simples do diabo, com todas as cláusulas do contrato, penso que nunca mais terá vontade de nos tentar.

SENHORA FORD — Conviria contar a nossos maridos a maneira por que o tratamos?

SENHORA PAGE — Sem dúvida, quando nada, para tirar essas caraminholas da cabeça do vosso esposo. E se eles decidirem de coração que o pobre cavaleiro enxundioso e devasso merece novos castigos, poderemos ajudá-los nesse mister.

SENHORA FORD — Posso asseverar que eles hão de querer confundi-lo de público. Penso, mesmo, que a brincadeira não ficaria completa, se ele não recebesse um castigo nessas condições.

SENHORA PAGE — Vamos, então, com o plano para a forja; convém bater, antes que esfrie.

(*Saem.*)

# Cena III

*Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram o estalajadeiro e Bardolfo.*

BARDOLFO — Senhor, os alemães desejam três dos vossos cavalos; o duque virá amanhã à corte, e eles querem ir ao seu encontro.

ESTALAJADEIRO — Que duque será esse que vem por maneira tão misteriosa? Desejo conversar com esses cavalheiros. Eles falam inglês?

BARDOLFO — Sim, senhor. Vou chamá-los.

ESTALAJADEIRO — Obterão os cavalos, mas será preciso pagar. Vou salgá-los. Dispuseram à vontade de minha casa durante uma semana; deixei de receber os fregueses de costume. É preciso que paguem. Vou salgá-los. Vejamos!

# Cena IV

*Um quarto em casa de Ford. Entram Page, Ford, a senhora Page, a senhora Ford e o reverendo Hugo Evans.*

EVANS — É a mais péla idéia de mulher de que eu xá tive conhecimento.

PAGE — E ele vos enviou as duas cartas na mesma ocasião?

SENHORA PAGE — Com diferença de um quarto de hora.

FORD — Perdoa-me, querida. Doravante farás o que quiseres. Primeiro hei de atribuir frieza ao sol, que suspeitar-te da menor leviandade. Teu conceito lança agora raízes neste herético, como a mais firme fé.

PAGE — Bem; mas fiquemos por aqui mesmo. Nada de exageros; se na ofensa houve excesso, que não haja na submissão. Mas levemos adiante nosso plano. Porque o divertimento seja público, mais uma vez nossas

mulheres hão de combinar com esse velho barrigudo nova entrevista, onde nos seja fácil apanhá-lo e aplicar-lhe um bom castigo.

FORD — Não há melhor alvitre do que o delas.

PAGE — Qual! Mandar-lhe recado para ir encontrar-se com elas no parque, à meia-noite? Isso ele não fará. De jeito nenhum.

EVANS — Dixestes que ele foi xogado na água e foi patido sem piedade, quando estava disfarçado de velha. Sou de obinião que ele deve extar cheio de terrores e de medo e que não irá lá. Sou de obinião que uma vez castigada a carne, ele ficará liperto dos maus desexos.

PAGE — É também o que eu penso.

SENHORA FORD — Pensai apenas no que fareis todos, quando ele aparecer, que hei de achar jeito de levá-lo até lá.

SENHORA PAGE — Um velho conto diz que Herne, o caçador, guarda campestre há muito tempo da floresta de Windsor, Quando nos chega o inverno, à meia-noite anda ao redor do tronco de um carvalho, com chifres na cabeça, estraga as árvores, põe feitiço no gado, muda em sangue todo o leite das vacas e sacode por modo pavoroso uma corrente. Falar já ouvistes sobre esse

fantasma, como sabeis que nossos velhos crédulos e de cabeça fraca nos repetem como verdade certa o que souberam das outras gerações, sobre a figura de Herne, o guarda campestre.

PAGE — É certo; e muita gente tem medo de passar à noite pelo carvalho de Herne. Bem; e o resto?

SENHORA FORD — Nosso plano é o seguinte: marcaremos encontro no carvalho com Falstaff, que como Herne lá irá, com grandes chifres.

PAGE — Bem; admitamos que ele compareça à entrevista sob essa mesma forma. Que fareis dele, após? Que planejastes?

SENHORA PAGE — Já está tudo assentado. E deste jeito: minha filha Ana Page, meu filhinho com mais algumas crianças de igual porte serão por nós vestidos como fadas, elfos e anões, com roupa verde e branca, com grinaldas e tochas na cabeça e chocalhos nas mãos. Subitamente, quando eu e ela a Falstaff nos reunirmos, de uma cova de serra que há ali perto saltarão todos, a cantar alguma cantilena confusa. A vista deles, nós duas fugiremos assustadas. Eles, então, o cercarão depressa, passando a beliscar nosso impudico cavaleiro, tal como veros duendes, perguntando-lhe a causa de, nessa hora de

diversão das fadas, haver ele tido a ousadia de pisar o solo sagrado sob disfarce tão profano.

SENHORA FORD — E enquanto ele não diz toda a verdade, que os supostos duendes o belisquem insistentes, queimando-o com seus fachos.

SENHORA PAGE — Conhecida a verdade, aparecemos, tiramos do fantasma os grandes chifres e até Windsor faremos troça dele.

FORD — É preciso ensaiar bem as crianças, por que levado a cabo seja o plano.

EVANS — Eu me ingumbo de ensaiar as grianças e eu mesmo irei disfarçado de magago, para queimar o gavaleiro com minha tocha.

FORD — Ótima idéia! Vou tratar de comprar logo as máscaras.

SENHORA PAGE — A rainha das fadas será Aninha; vestido branco lhe darei bem caro.

PAGE — Vou comprar logo a seda. (*À parte.*) Nesse em meio, raptará mestre Slender minha filha, para com ela se casar em Éton. — Mandemos a Falstaff o aviso logo.

FORD — Vou procurá-lo novamente, em nome de mestre Fontes. Há de revelar-me todos os seus projetos. Ficai certos de que não faltará.

SENHORA PAGE — Não tenhais medo. Ide logo comprar os apetrechos e as roupas para os duendes.

EVANS — Não pergamos tempo. É um prazer admirável e muito honesta felhacaria.

(*Saem Page, Ford e Evans.*)

SENHORA PAGE — Senhora Ford, depressa, mandai Quickly a sir John; precisamos saber o que ele pensa. (*Sai a senhora Ford.*) Irei à casa do doutor, pois lhe dei minha palavra de que ele há de esposar Aninha Page. Esse Slender, conquanto afazendado, não passa de um idiota. A preferência meu marido lhe dá. Muito dinheiro tem o doutor e amigos influentes. Ele é que há de casar com minha filha, ainda que noivos vinte mil, agora, me jurassem fazê-la alta senhora. (*Sai.*)

# Cena V

*Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram o estalajadeiro e Simples.*

ESTALAJADEIRO — Que desejas, labrego? Vamos, casca grossa! Fala, respira, discute; depressa, curto, pronto, rápido!

SIMPLES — Ora, senhor, eu vim para falar com sir John Falstaff da parte de mestre Slender.

ESTALAJADEIRO — É aquele o quarto dele, a mansão, o castelo, seu leito fixo e cama de campanha. Está decorado com a história do filho pródigo, pintadinho de novo e ainda fresco. Vai; bate e chama, que ele te responderá como um antropofagiânico. Bate, estou mandando!

SIMPLES — Uma mulher, uma velha gorda subiu para esse quarto. Terei a ousadia, senhor, de esperar até que ela desça.

ESTALAJADEIRO — Como! Uma mulher gorda? O cavaleiro poderá ser roubado. Vou chamá-lo. Cavaleiro mata-mouros! Sir John,

coração de ferro! Responde com esses pulmões militares: estás ai? Quem está falando e o teu estalajadeiro o elesiano!

FALSTAFF (*de cima*) — Então, estalajadeiro?

ESTALAJADEIRO — Está aqui um tártaro boemiano à espera de que desça a tua mulher gorda. Manda-a cá para baixo, trinca-ferros; manda-a para baixo! Meus quartos são respeitáveis. Que é isso? Segredinhos? Que é isso?

(*Entra Falstaff*)

FALSTAFF — Realmente, meu estalajadeiro, tive a visita de uma mulher gorda; mas já foi embora.

SIMPLES — Por obséquio, senhor, não era a mulher sábia de Brainford?

FALSTAFF — Justamente, casca de mexilhão. Que querias com ela?

SIMPLES — Meu amo, senhor, mestre Slender, tendo-a visto passar na rua, mandou que lhe falasse, para saber, senhor, se um tal Nym, senhor, que lhe escamoteou uma cadeia, está com a cadeia ou não.

FALSTAFF — Conversei com a velha a esse respeito.

SIMPLES — E que foi que ela disse, senhor, por obséquio?

FALSTAFF — Ora, disse que o mesmo indivíduo que escamoteou a cadeia de mestre Slender, empalmou-a belamente.

SIMPLES — Quisera ter falado pessoalmente com essa mulher; tinha outras coisas a perguntar-lhe da parte dele.

FALSTAFF — Que coisas? Dize logo.

ESTALAJADEIRO — Isso mesmo. Vamos logo!

SIMPLES — Não posso ocultá-las, senhor.

ESTALAJADEIRO — Oculta-as logo, se não morrerás!

SIMPLES — Ora, senhor, não era nada; era só a respeito da senhorita Ana Page, para saber se é sorte dele ou não vir a casar com ela.

FALSTAFF — Sim, é essa, justamente, a sorte dele.

SIMPLES — Qual, senhor?

FALSTAFF — Vir a casar com ela ou não. Vai; dize-lhe que a mulher me contou isso mesmo.

SIMPLES — Poderei ter a liberdade de lhe dizer isso, senhor?

FALSTAFF — Pois não, sir Tike; a liberdade que quiseres.

SIMPLES — Agradeço a Vossa Senhoria; meu amo vai ficar muito contente com essas notícias. (*Sai.*)

ESTALAJADEIRO — És um sábio, sir John; és um sábio. Recebeste a visita dessa mulher?

FALSTAFF — Recebi, meu estalajadeiro; é uma mulher que me ensinou mais coisas do que eu poderia ter aprendido em toda a minha vida, e isso sem que eu lhe pagasse nada; pelo contrário, fui pago para aprender.

(*Entra Bardolfo.*)

BARDOLFO — Ah, senhor! Ah, senhor! Pura velhacaria! Pura velhacaria!

ESTALAJADEIRO — Onde estão os cavalos? Responde, varletto.

BARDOLFO — Os velhacos os levaram. Quando estávamos um pouco adiante de Eton, empurraram-me para um atoleiro e depois calcaram as esporas, como o fariam três demônios alemães com três doutores Faustos.

ESTALAJADEIRO — Eles só foram ao encontro do duque, maroto; não digas que fugiram; os alemães são gente honesta.

(*Entra o reverendo Hugo Evans.*)

EVANS — Onde extá o meu estalaxadeiro?

ESTALAJADEIRO — Que é que há, senhor?

EVANS — Tende guidado com os hóspedes novos. Contou-me um amigo que veio da cidade que três primos xermanos rouparam gavalos e polsas de todos os viaxantes de Reading, Maidenhead e Colebrook. Digo isso para o vosso pem, ora vede; sois esbirituoso e gostais muito de princadeiras, e não seria gonveniente serdes ludipriado. Adeus. (*Sai*)

(*Entra o doutor Caius.*)

CAIUS — Onde está *mon hôte de la Jarretière?*

ESTALAJADEIRO — Aqui, mestre doutor; perplexo e num dilema duvidoso.

CAIUS — Não sei o que se passa; mais *on m'a dit* que estais fazendo grandes preparrativos para hospedar um duque de Jamany. Mas, por minha fé, *ma foi,* na corte não se tem notícia de nenhum duque que esteja para chegar. Digo isso *pour vôtre bien.* (*Sai.*)

ESTALAJADEIRO — Vai dar o alarma, vilão. Corre! Ajudai-me, cavaleiro. Estou perdido. Corre, voa, vai dar o alarma, vilão! Estou perdido.

(*Saem o estalajadeiro e Bardolfo.*)

FALSTAFF — Desejara que todo o mundo fosse logrado, porque eu o fui e, ainda por cima, espancado. Se na corte viessem a saber de que modo eu fui metamorfoseado e como minha transformação foi lavada e surrada, far-me-iam perder toda esta gordura, derretendo-a gota por gota, e engraxariam com ela botas de pescadores. É certeza que me zurziriam com ditos mordazes, até me deixarem de crista caída como uma pera seca. A sorte me abandonou, desde que jurei falso no jogo de Primero. Bem; se ainda me sobrar fôlego que dê para dizer minhas orações, prometo arrepender-me. (*Entra a senhora Quickly.*) Olá! De onde vindes?

QUICKLY — Por minha alma, venho da parte de ambas.

FALSTAFF — Que o diabo fique com uma delas e a avó dele com a outra. Desse modo as duas ficarão em boas mãos. Tenho sofrido mais por causa delas do que poderia suportar a miserável inconstância da resistência humana.

QUICKLY — E elas, também, nada sofreram? Sim, posso asseverar-vos. Principalmente a senhora Ford, coitadinha, que de tanto apanhar ficou azul e preta, a tal ponto que não podereis encontrar um só lugar branco em todo o seu corpo.

FALSTAFF — Por que me falas de azul e preto? Eu apanhei em todas as cores do arco-íris, e estive a ponto de ser preso como se fosse a feiticeira de Brainford. O que me livrou foi a minha admirável presença de espírito; não fora isso, e o velhaco do oficial de justiça me teria posto no cepo, num cepo vulgar, por feiticeiro.

QUICKLY — Senhor, permiti que vos fale em vosso quarto. Ficareis sabendo em que pé as coisas estão, podendo assegurar-vos que vos dareis por satisfeito. Aqui está uma carta que já vos dirá alguma coisa. Coitadinhos! Quanto trabalho para se reunirem! É certeza: um dos dois serve mal ao céu, para sair tudo assim arrevezado.

FALSTAFF — Sobe até ao meu quarto.

(*Saem.*)

# Cena VI

*Outro quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Fenton e o estalajadeiro.*

ESTALAJADEIRO — Não faleis comigo, mestre Fenton; estou desanimado e disposto a abandonar tudo.

FENTON — Entanto, ouvi-me. Vinde em meu auxílio, e à fé de gentil-homem, recompenso-vos com mil libras a mais do que perdestes.

ESTALAJADEIRO — Vou ouvir-vos, mestre Fenton. Quando nada, saberei guardar segredo.

FENTON — Mais de uma vez já vos falei de tudo que sinto pela bela Aninha Page, que corresponde ao meu sincero afeto — tanto quanto depende dela própria — como eu desejaria. Esta missiva que ela me enviou vos deixará pasmado. Liga-se de tal modo o meu assunto com a brincadeira de que aqui se trata, que impossível será falar de um caso, sem revelar-vos o outro, O gordanchudo Falstaff em tudo tem papel saliente. Por aqui ficareis sabendo de outras

particularidades. (*Mostra-lhe a carta.*) Ora ouvi-me, meu estalajadeiro. No carvalho de Herne, entre a meia-noite de hoje e uma hora, vai a minha doce Ana apresentar-se qual rainha das fadas. Enquanto outros levam adiante a brincadeira em curso, deve ela, assim vestida e por mandado do próprio pai, fugir com mestre Slender e, sem demora, com ele dirigir-se a Éton e lá casarem. Concordou. Ora, senhor, a mãe dela, que sempre foi contrária a esse enlace e reforça o doutor Caius em suas pretensões, pretende que este fuja também com ela, enquanto os outros convidados distraídos estiverem na mascarada. O deão, para isso, fica prestes em casa, a fim de desposá-los. Fingindo concordar com todo o enredo da mãe, ela ao doutor deu a palavra. Estão agora neste ponto as coisas: quer o pai que de branco ela se vista, para que Slender, na ocasião propícia, possa diferenciá-la, a mão lhe pegue e lhe diga que o siga. Ao mesmo tempo a mãe, porque o doutor a reconheça — pois todos deverão estar de máscaras e fantasiados — quer que seja verde seu vestido flutuante e mui garrido, e que fitas lhe caiam da cabeça, devendo, então, a mão o doutor Caius beliscar-lhe no instante mais azado. A esse sinal, consente ela em segui-lo.

ESTALAJADEIRO — E a quem pretende ela enganar, o pai ou a mãe?

FENTON — A ambos, meu caro, e a se evadir comigo. E agora, o principal: só falta obterdes que o pároco na igreja nos espere entre doze horas e uma, a fim de unir-nos os corações com as cerimônias todas de um enlace legal e sacrossanto.

ESTALAJADEIRO — Ponde em execução o vosso plano. Vou procurar o pároco. Se a noiva conseguirdes levar, achareis padre.

FENTON — Ser-te-ei reconhecido para sempre, além de dar-te logo um bom presente.

(*Saem.*)

# ATO V
# Cena I

*Um quarto na hospedaria da Jarreteira. Entram Falstaff e a senhora Quickly.*

FALSTAFF — Por obséquio, pára com essa tagarelice. Vai! Estou pelo que prometi. Será a terceira vez. Confio na sorte dos números ímpares. Vai logo. Dizem que os números ímpares são dotados de algo divino, ou por ocasião do nascimento, ou durante a vida, ou na hora da morte.

QUICKLY — Vou arranjar-vos uma corrente e farei todo o possível para obter um par de chifres.

FALSTAFF — Vai logo, estou mandando. O tempo corre. Levanta a cabeça e trota miudinho. (*Sai a senhora Quickly. Entra Ford.*) Então, mestre Fontes? Mestre Fontes, o negócio será concluído hoje à noite, ou nunca mais. Ide postar-vos à meia-noite no parque, junto do carvalho de Herne, que haveis de ver coisas miríficas.

FORD — Não estivestes ontem em casa dela, senhor, conforme me dissestes que ficara combinado?

FALSTAFF — Fui à casa dela, mestre Fontes, tal como me vedes: como um velho; mas voltei de lá, mestre Fontes, como uma pobre velha. Aquele celerado maldito, Ford, o marido dela, está tomado pelo mais astucioso demônio do ciúme, mestre Fontes, que em qualquer tempo haja dominado um frenético. Imaginai só! Ele me espancou sem piedade, estando eu disfarçado de mulher; porque sob a aparência de homem, mestre Fontes, não tenho medo de nenhum Golias com sua acha de Tecelão, por saber que a vida não é mais do que uma lançadeira. Estou com pressa; vinde comigo; vou contar-vos tudo, mestre Fontes. Desde o tempo em que eu depenava gansos, gazeava aula e jogava pião, não sabia o que fosse apanhar; mas soube-o agora. Vinde comigo; vou contar-vos coisas muito interessantes a respeito desse biltre, o Ford. Mas pretendo vingar-me ainda esta noite e entregar-vos em mãos a mulher dele. Estranhos acontecimentos estão em perspectiva, mestre Fontes. Vinde comigo.

(*Saem.*)

# Cena II

*O parque de Windsor. Entram Page, Shallow e Slender.*

PAGE — Vinde, vinde; ficaremos no fosso do castelo até vermos as luzes das nossas fadas. Filho Slender, não vos esqueçais de minha filha.

SLENDER — Oh! sem dúvida! Já lhe falei e combinamos uma senha para nos reconhecermos. Aproximo-me da fada de branco e digo-lhe: “Zás!” ao que ela me responderá: “Trás!” E assim nos identificaremos.

SHALLOW — Está tudo muito bem. Mas qual é a utilidade desse “Zás” e do outro “Trás”, se a cor branca já a identifica suficientemente? Já bateram dez horas.

PAGE — A noite está bem escura, muito própria para luzes e aparições. Que o céu proteja nossa brincadeira. Ninguém cogita de praticar o mal, a não ser o próprio demônio, que será reconhecido pelos chifres. Vamos; acompanhai-me.

(*Saem.*)

# Cena III

*Uma rua de Windsor. Entram a senhora Page, a senhora Ford e o doutor Caius.*

SENHORA PAGE — Mestre doutor, minha filha está vestida de verde. Quando virdes que é a ocasião oportuna, tomai-a pela mão, conduzi-a à casa do deão e ponde pressa na cerimônia. Ide para o parque em nossa frente; nós duas deveremos entrar juntas.

CAIUS — Sei bem o que terei de fazer. *Adieu.*

SENHORA PAGE — Passai bem, senhor. (*Sai o doutor Caius.*) Meu marido vai ficar menos alegre com o castigo de Falstaff do que com o casamento de minha filha com o doutor. Mais pouco importa. Mais vale uma pequena repreensão do que um mundo de aborrecimentos.

SENHORA FORD — Onde está Aninha com seu séquito de fadas e o diabo galense, Hugo?

SENHORA PAGE — Estão todos deitados num fosso que fica junto do carvalho de Herne,

com as luzes encobertas, que farão brilhar na escuridão logo que nós e Falstaff nos encontrarmos.

SENHORA FORD — Ele não pode deixar de assustar-se.

SENHORA PAGE — Se não ficar assustado, será escarnecido, e se ficar assustado, tanto melhor, será escarnecido da mesma forma.

SENHORA FORD — Vamos traí-lo belamente.

SENHORA PAGE — Para um negócio assim, que é só maldade, qualquer traição ainda é honestidade.

SENHORA FORD — Está na hora. Para o carvalho! Para o carvalho!

(*Saem.*)

# Cena IV

*O parque de Windsor. Entra o reverendo Hugo, disfarçado, com as Fadas.*

EVANS — Defagar, defagar, fadas! Não vos esqueçais de vossos papéis. Tende coraxem, é só o que peço. Vinde comigo, e quando eu disser a senha, fazei o que xá combinamos. Vinde! Vinde! Defagar!

(*Saem.*)

# Cena V

*Outro trecho do parque. Entra Falstaff, disfarçado de Herne, com chifres de veado na cabeça.*

FALSTAFF — O sino de Windsor já bateu doze pancadas; aproxima-se o momento. Agora, que me assistam os deuses do sangue quente. Não te esqueças, Jove, de que te transformaste em touro por causa de tua Europa; o amor te fez nascer cornos na testa. Ó amor todo-poderoso, que algumas vezes fazes de um animal um homem, e outras de um homem um animal! Foste também cisne, ó Júpiter, por amor de Leda. Oh onipotente amor! Como esteve perto o deus de parecer-se com um ganso! Tua primeira falta te transformou em animal. Ó Jove! uma falta animalesca; e a segunda te mudou em ave de galinheiro. Não te esqueças, Jove! Uma falta galinesca. Quando os deuses têm o dorso quente, que podem fazer os pobres homens? Por mim, vejo-me agora como um veado de Windsor, o mais gordo, quero crer, de toda a floresta. Faze que seja temperada a minha época de cio, ó Jove! Do contrário, quem me poderá censurar, por vir a

perder toda a gordura? Quem vem ai? É minha corça?

(*Entra a senhora Ford e a senhora Page.*)

SENHORA FORD — Sir John, estás aí, meu gamozinho, meu querido animalzinho?

FALSTAFF — Minha corça de rabo preto! Que o céu chova batatas! Que troveje na toada da canção "As mangas verdes" e que como neve caiam confeitos de bolo de nozes. Que venha uma tempestade de provocações... (*Abraçando-a.*)... que eu já tenho onde abrigar-me.

SENHORA FORD — A senhora Page veio comigo, meu coração.

FALSTAFF — Dividi-me como a um veado de presente, ficando cada uma com uma das coxas. Meus lados ficarão para mim mesmo; as espáduas, para o guarda do parque, que os cornos eu legarei para vossos maridos. Não estou parecendo um couteiro? Não falo como o caçador Herne? Desta vez Cupido se revelou um menino consciencioso; fez-me uma restituição. Tão certo como eu ser um espírito. Salve! Salve!

(*Ouve-se barulho dentro.*)

SENHORA PAGE — Oh céus! Que barulho é esse?

SENHORA FORD — O céu perdoe nossos pecados!

FALSTAFF — Que poderá ser isso?

SENHORA FORD e SENHORA PAGE — Vamos embora! Vamos embora!

(*Saem correndo.*)

FALSTAFF — Pelo que vejo, o diabo não me quer ver condenado às penas eternas, de medo que o azeite que se contém em meu corpo venha a incendiar o inferno; a não ser isso, não se atravessaria tantas vezes em meu caminho.

(*Entram o reverendo Hugo Evans, disfarçado de sátiro; Pistola, como duende; Ana Page, como rainha das fadas, seguida do irmão e de outras pessoas, disfarçadas de fadas, com tochas de cera na cabeça.*)

ANA — Fadas verdes e brancas, matizadas, que aqui brincais nas noites enluaradas, herdeiras e órfãs do fatal destino, alegres acorrei! Entoemos o hino dos duendes e das fadas. Alegria!

PISTOLA — Atenção, elfos! Cesse a correria dos espíritos aéreos! Grifo, salta para as chaminés de Windsor, onde uma alta lide vais ter, que a cinza ainda está quente e, por varrer, os lares. Complacente não sejas com as zagalas;

beliscões em todas dá, de produzir vergões azuis como o mirtilo. Nossa rainha não suporta imundície tão daninha.

FALSTAFF — São fadas. Se eu falar com algumas delas, sou homem morto. Assim, sem mais aquelas, vou me deitar e tapar bem o rosto. Homem nenhum em vê-las acha gosto.

EVANS — Vai, Bode; e onde encontrares rapariga que as orações três vezes sempre diga antes de se deitar, com alegria, estimula-lhe a bela fantasia, porque ela, como criança na aparência, possa dormir o sono da inocência. Mas se achares alguma descuidada que ao se deitar não tenha dito nada, belisca-lhe à vontade o corpo lasso, pescoço, braços, pernas e o espinhaço.

ANA — Trasguinhos, começai! Todo o castelo de Windsor varejai; sorte espalhai a flux, alegremente, porque possa durar eternamente, sem decair jamais em abandono, como convém ao seu mui digno dono. Seiva esfregai em todas as cadeiras, das plantas mais preciosas e fagueiras; abençoados se tornem sempre mais seus leais brasões e as cotas imortais, e como a jarreteira, elfos, à roda, em círculo cantai a noite toda. Que a vossos passos tornem-se virentes e mais férteis os prados adjacentes. "*Honny soit qui mal y pense*" à volta escrevei dos canteiros em recolta,

em tufos brancos, rubros e azulados, como pedras preciosas nos bordados, que aos joelhos curvos da cavalaria conferem elegância e altanaria. Com flores escrevei, pois, em porfia. Vamos, principiai! Antes de uma hora, como de hábito, vinde sem demora dançar em torno do carvalho de Herne.

EVANS — Que cada um com o vizinho o passo alterne. Em ordem. Mãos com mãos. Vinte luzentes pirilampos levai como pingentes, porque vos possam dirigir o passo sem vos perderdes nada em pouco espaço. Mas vejo um ser do mundo intermediário!

FALSTAFF — O céu me defenda desse duende galense, para que ele não me transforme num pedaço de queijo.

PISTOLA — De nascimento, ó verme, és ordinário!

ANA — A chama quente lhe encostas no dedo. Sendo ele casto, não mostrará medo, pois não se queimará. Mas se gritar, é que é carne corrupta e mui vulgar.

PISTOLA — Eia, a postos!

EVANS — Façamos a experiência.

(*Queimam Falstaff com os archotes.*)

FALSTAFF — Oh! Oh! Oh!

ANA — Corrupto, Corrupto! É só concupiscência! Cantai-lhe fadas, algo zombeteiro e, ao dançardes, picai-o o tempo inteiro. (*CANÇÃO:*) Fora a doente fantasia, a incontinência, a fobia! Loucura é fogo abrasante que o sangue deixa escaldante. Brota do coração em alta chama, que o pensamento mais e mais inflama. Beliscai-o com vontade, por sua muita ruindade. Beliscai-o, queimai-o, até que a lua se esconda e a noite seu rondar conclua.

(*Durante a canção, as fadas beliscam Falstaff; o doutor Caius entra por um lado e rouba uma fada de vestido verde; Slender, por outro, leva uma fada de branco; depois entra Fenton e sai com Ana Page. Ouve-se barulho de caçada; as fadas saem a correr; Falstaff arranca da cabeça os chifres e se levanta. Entram Page, Ford, a senhora Page e a senhora Ford, que seguram Falstaff*)

PAGE — Não procureis fugir, pois é certeza vos termos alcançado. Então, para isso só Herne, o caçador, vos serviria?

SENHORA PAGE — Não levemos adiante a brincadeira, por obséquio. Que tal achais, bondoso cavaleiro, as comadres de Windsor? Caro marido, estes apêndices não ficam melhor na mata do que na cidade?

FORD — Então, senhor, quem ficou agora com chifres? Mestre Fontes, Falstaff é um velhaco, um velhaco de chifres. Aqui estão os chifres dele, mestre Fontes. E, mestre Fontes, do que era de Ford só se aproveitou do cesto de roupa suja, do bastão e de vinte libras em dinheiro, que deverão ser restituídas, mestre Fontes; para isso, os cavalos dele já estão detidos, mestre Fontes.

SENHORA FORD — Sir John, não tivemos sorte; nunca podemos encontrar-nos. Doravante, não vos terei nunca mais como amante, mas como meu querido animalzinho.

FALSTAFF — Começo a compreender que fui transformado em asno.

FORD — Sim, e também em touro; as duas provas estão patentes.

FALSTAFF — E essas aí, não são fadas? Por três ou quatro vezes quis parecer-me que o não eram; mas a culpabilidade de minha consciência e a paralisação súbita do meu raciocínio tornaram crível um embuste grosseiro, a despeito de toda rima e razão, como se se tratasse de fadas de verdade. Vede como um homem inteligente pode transformar-se num joão-bobo, quando não sabe valer-se de seus recursos naturais.

EVANS — Sir John Falstaff, servi a Deus e apandonai vossos abetites, que as fadas não vos peliscarrão.

FORD — Muito bem, duende Hugo.

EVANS — E vós, deixai tampém vossos xiúmes, é o que vos peço.

FORD — Não voltarei a desconfiar de minha mulher, enquanto não ficardes capaz de fazer-lhe a corte em inglês correto.

FALSTAFF — Terei, porventura, deixado o cérebro exposto ao sol e a secar, para não poder livrar-me de uma armadilha tão grosseira? Fui cavalgado até por um bode galense? Só me resta afogar-me num pedaço de queijo frito.

EVANS — O queixo não se dá bem com a manteica, e a vossa bança é bura manteica.

FALSTAFF — “Queixo” e “manteica”! Ter vivido tanto, para ser objeto da zombaria de um sujeito que estropia dessa maneira o inglês? Isso é mais do que suficiente para produzir a ruína da libertinagem e dos noctívagos de todo o reino.

SENHORA PAGE — Então, sir John, acreditáveis mesmo que se nós tivéssemos expulsado do coração toda a nossa virtude, jogando-a pelos ombros e pela cabeça, e nos tivéssemos entregue sem escrúpulos ao inferno,

acreditais que o diabo tivesse feito de vós nossas delícias?

FORD — Um pudim desse tamanho? Um saco de lã?

SENHORA PAGE — Um sujeito estufado.

PAGE — Velho, frio, enrugado e de entranhas intoleráveis?

FORD — E tão aleivoso como Satã?

PAGE — E pobre como Jó?

FORD — E tão ruim como sua mulher?

EVANS — E dado aos brazeres sensuais, às tapernas, ao xerez, ao vinho, ao hidromel, às pepidas, às xuras e às prigas?

FALSTAFF — Seja; estou na berlinda; tendes vantagens sobre mim. Confesso-me batido. Não me sinto capaz de responder à flanela galense. A própria ignorância está sobre mim como peso de prumo. Usai-me como bem vos aprouver.

FORD — Agora, senhor, vamos levar-vos a Windsor, à casa de um tal mestre Fontes, de quem extorquistes dinheiro e para quem devíeis servir de terceiro. No meio de todas as vossas aflições, a mais dolorosa, me parece, vai ser restituir essa quantia.

SENHORA FORD — Perdoa-lhe, marido, esse dinheiro, porque amigo nos seja verdadeiro.

FORD — Pois não; eis minha mão; perdôo a dívida.

PAGE — Agora, cavaleiro, ficai alegre; esta noite beberás em minha casa, onde poderás rir de minha mulher, que neste momento está rindo de ti. Dize-lhe que mestre Slender se casou com a filha dela.

SENHORA PAGE (*à parte*) — Os doutores têm dúvidas a esse respeito. Se Ana Page é minha filha, a estas horas ela é mulher do doutor Caius.

(*Entra Slender.*)

SLENDER — Olá! Oh! Pai Page!

PAGE — Filho, então? Então, filho? Arranjaste tudo?

SLENDER — Se arranjei? Vou contar o que houve a toda a gente de Glostershire. Preferira que me houvessem enforcado, pronto!

PAGE — Que aconteceu, filho?

SLENDER — Cheguei lá em baixo, em Eton, para casar-me com a senhorita Ana Page e ela era um labrego deste tamanho. Se não fosse estarmos na igreja, eu o teria sovado, ou ele a mim. Quero

ficar sem poder arredar-me daqui, se eu não pensava que era mesmo Ana Page. Era o filho do postilhão.

PAGE — Por minha vida, então te equivocaste.

SLENDER — E que necessidade há de me dizerdes isso agora? É claro que houve equívoco, quando tomei um rapaz por uma rapariga. Se eu o tivesse desposado, com toda a sua roupa de mulher, não teria querido saber dele.

PAGE — Ora, a culpa é de vossa própria tolice. Eu não vos tinha dito que deveríeis identificar minha filha pelo vestido?

SLENDER — Cheguei-me para a que estava de branco e disse-lhe: “Zás!” e ela me respondeu: “Trás!” como eu e Ana havíamos combinado. No entanto, não era Ana, mas o filho do postilhão.

EVANS — Jexus, mestre Slender, não tendes olhos, para casardes com um rapaz?

SENHORA PAGE — Bondoso Jorge, não vos encolerizeis. Eu sabia de vossos projetos e fiz minha filha vestir-se de verde. A estas horas ela está com o doutor em casa do deão, onde se casaram.

(*Entra o doutor Caius.*)

CAIUS — Onde está a senhora Page? *Pardieu*! Fui enganado, *volé!* Desposei *un garçon,* um rapaz. Não era Ana Page, *Pardieu*. Fui enganado.

SENHORA PAGE — Como! Não pegastes a que estava vestida de verde?

CAIUS — Sim, *Pardieu*! E era *un garçon, Pardieu*! Vou revirar toda Windsor! (*Sai.*)

FORD — É muito estranho. Quem terá ficado com a verdadeira Ana?

PAGE — Tenho um pressentimento... Aí vem vindo mestre Fenton. (*Entram Fenton e Ana Page.*) Então, mestre Fenton?

ANA — Perdão, bondoso pai! Bondosa mãe, perdão!

PAGE — Então, senhorita, que se deu, para não teres saído com mestre Slender?

SENHORA PAGE — Por que não saíste com o mestre doutor, menina?

FENTON — Vós a deixais surpresa. Ouvi o que houve. Queríeis desposá-la por maneira por demais vergonhosa, pois faltava de todo em todo a inclinação recíproca. Mas o certo é que eu e ela há muito tempo éramos noivos e ora nos achamos unidos por maneira indissolúvel. Sua desobediência de hoje é em tudo santificada e o

ardil o nome perde de astúcia, de revolta ou desrespeito, pois evitadas ficam, desse modo, milhares de horas ímpias e malditas, que lhe traria o casamento à força.

FORD — Não vos zangueis, que é fato consumado. Os caprichos do amor do céu dependem. Com dinheiro podemos comprar terra; mas vende a esposa o fado que não erra.

FALSTAFF — Alegra-me verificar que vossa flecha tenha ultrapassado o alvo, apesar do empenho em que estáveis de atingir-me.

PAGE — Agora, que remédio! Fenton, viva! Devemos aceitar o que é impossível deixar de acontecer.

FALSTAFF — A caça é grande quando os cães fazem cerco a noite toda.

SENHORA PAGE — Não pensemos mais nisso. Mestre Fenton, o céu vos dê muitos e muitos dias só de felicidades. Caro esposo, voltemos para casa, porque ao fogo possamos rir de toda a brincadeira, sir John, como os outros.

FORD — Sir John, assim cumpristes a promessa feita a Fontes: a noite ele, realmente, com a senhora Ford há de passar contente.

(*Saem.*)

© copyleft 2000 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

_____
Agosto 2000

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com